

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO**

NATASHA SILVEIRA NATIVIDADE

OCUPAÇÃO URBANA: uma cartografia audiovisual da Lona

Monografia

Mariana

2022

NATASHA SILVEIRA NATIVIDADE

OCUPAÇÃO URBANA: uma cartografia audiovisual da Lona

Monografia apresentada ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Adriana Bravin

Mariana

2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

N278o Natividade, Natasha Silveira.
Ocupação urbana [manuscrito]: uma cartografia audiovisual da Lona.
/ Natasha Silveira Natividade. NATASHA NATIVIDADE. - 2022.
87 f.: il.: color., tab..

Orientadora: Profa. Dra. ADRIANA BRAVIN.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Cinema. 2. Ocupações. 3. Recursos audiovisuais. 4. Socialismo. 5.
Subjetividade. I. NATIVIDADE, NATASHA. II. BRAVIN, ADRIANA. III.
Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 791

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Natasha Silveira Natividade

OCUPAÇÃO URBANA: uma cartografia audiovisual da Lona

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 17 de agosto de 2022

Membros da banca

Profa. Dra. - Adriana Bravin - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Lara Linhalis Guimarães - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Evandro José Medeiros Laia - Universidade Federal de Ouro Preto

Adriana Bravin, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 02/09/2022



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Bravin, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 02/09/2022, às 11:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0392525** e o código CRC **F2B35C81**.

AGRADECIMENTOS

Percursos podem ser desafiadores e a minha jornada ao longo da graduação não foi diferente. Agradeço a UFOP, universidade pública que me proporcionou o acesso à educação de qualidade mesmo com o sucateamento do ensino brasileiro.

À minha orientadora, professora Dra. Adriana Bravin, agradeço imensamente por ter aceitado essa parceria. Obrigada pelo apoio e pelos ensinamentos, sem você esta pesquisa não seria a mesma.

A todos os professores e professoras com quem eu tive o imenso prazer de encontrar durante essa trajetória, agradeço a oportunidade por compartilharem seus conhecimentos.

Aos meus pais, Ione e Ivo, a quem eu devo toda minha gratidão por sempre fazerem o possível, e por vezes até o impossível, para garantir, a mim e a minha irmã Julianne, uma estrutura confortável e todo o apoio necessário para concluirmos nossos estudos.

Aos meus amores de pêlo, Lulu, Mel, Lobinha, Lobão, Rony, Kate, Nick, Pucca e Stuart pelo mais sincero apoio emocional em todos os momentos. E também aos anjinhos (*in memorian*): Marrie, Bruce, Jade, Puff e todos os outros com quem eu tive a breve oportunidade de conviver.

Ao meu companheiro Nicolás, obrigada por todo o incentivo, por sempre me apoiar a seguir os meus objetivos e acreditar no meu potencial, mesmo nos momento em que nem eu mais acreditava. Obrigada pelo afeto trocado durante todos esses anos, bem como a paciência, cuidado e abraços reconfortantes. Com você, tudo fica mais fácil!

Ao meu amigo Alisson Douglas, agradeço a força diária, a companhia com doses de humor ácido e todo o incentivo ao longo dos últimos meses. Obrigada por ouvir as minhas frustrações e pelos conselhos sábios. Entra no carro, otária! Vamos terminar essa graduação!

À todas as minhas amigas que sempre me apoiam e não desistem da minha amizade: Talita, Thalita, Estefânia, Ana, Bárbara. Desculpe a demora para responder as mensagens e obrigada por tudo! Eu amo vocês.

Aos companheiros que lutam por um mundo melhor e mais justo.

À todas as pessoas que cruzaram o meu caminho, nas mais diversas instâncias, e que eu tive a oportunidade de trocar conhecimentos e experiências. Obrigada!

À Deus, Exu, Alá, Buda, entidades cósmicas, fadas, o universo, o destino, ou seja lá qual força que possa existir nesse mundão louco. Minha gratidão por não me deixarem desistir.

Por fim, mas não menos importante, a pessoa que menos acreditava no meu potencial e capacidade para concluir este percurso: eu! Deixo aqui expressa uma nota mental para lembrar todos os dias: você consegue, sim.

*“O que eu revolto é contra a ganância dos homens que
espremem uns aos outros como se espremesse uma laranja”.*

Quarto de despejo - Carolina Maria de Jesus

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as narrativas que emergem das obras que compõem a Lona - Mostra Cinemas e Territórios, bem como compreender como a produção audiovisual ali reunida retrata identidades, interesses, subjetividades e demandas do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas, que dá origem à mostra. As obras audiovisuais da Lona abordam, em geral, questões ligadas ao direito à moradia e às ocupações urbanas ocorridas nos territórios onde o MLB atua. A partir de abordagens teóricas sobre urbanização e direito à cidade, movimentos sociais no século XXI e os novos sujeitos políticos, o cinema como ferramenta de luta social, análise de conteúdo e a cartografia, esta pesquisa mergulhou nos territórios das ocupações urbanas por meio da Lona, para compreender as narrativas propostas e como elas exercem a função de lupa para a leitura da realidade social a partir do cinema. Ao analisar as obras, a partir de subjetividades no que tange a infância, protagonismo feminino e construção da memória, a mostra revela que além de apresentar uma função social ao retratar realidades, ela também se destaca enquanto potência para ocupar o espaço cultural enquanto cinema.

Palavras-chave: ocupação; movimento social; produção audiovisual; subjetividade; cinema.

ABSTRACT

This work aims to analyze the narratives that emerge from the films that make up Lona - Mostra Cinemas e Territórios, as well as to understand how the audiovisual production gathered there portrays identities, interests, subjectivities, and demands of the Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas - MLB, which gives rise to the show. Lona's audiovisual works generally address issues related to the right to housing and urban occupations that occur in the territories where the MLB operates. From theoretical approaches to urbanization and the right to the city, social movements in the 21st century and the new political subjects, cinema as a tool for social struggle, content analysis, and cartography, this research delved into the territories of urban occupations through Lona, to understand the proposed narratives and how they act as a magnifying glass for the reading of social reality from the point of view of cinema. By analyzing the films, from subjectivities regarding childhood, female protagonism, and memory construction, the show reveals that in addition to presenting a social function by portraying realities, it also stands out as a power to occupy the cultural space as cinema.

Keywords: occupation; social movement; cartography; audiovisual production; subjectivity; cinema.

SIGLAS

CRFB - Constituição da República Federativa do Brasil

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MLB - Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas

NMS - Novos Movimentos Sociais

ONG - Organização não-governamental

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| FIGURA 1 - Captura de tela referente à publicação do MLB - Fonte: Instagram | 49 |
| FIGURA 2 - Fotograma do filme A rua é pública - Fonte: YouTube | 58 |
| FIGURA 3 - Fotograma do filme A rua é pública - Fonte: YouTube | 60 |
| FIGURA 4 - Fotograma do filme A última noite na ocupação Valdete Guerra - Fonte: YouTube | 65 |
| FIGURA 5 - Fotograma do filme A última noite na ocupação Valdete Guerra - Fonte: YouTube | 66 |
| FIGURA 6 - Fotograma do filme A última noite na ocupação Valdete Guerra - Fonte: YouTube | 67 |
| FIGURA 7 - Fotograma do filme A última noite na ocupação Valdete Guerra - Fonte: YouTube | 67 |
| FIGURA 8 - Fotograma do filme Memórias de Izidora - Fonte: YouTube | 70 |

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Mapeamento inicial da Mostra Acervo, da Lona 37

QUADRO 2 - Filmes do grupo temático 'Infância e ludicidade' 56

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 – Entrevista com Cristiano Araújo

79

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 15 |
| 2 . A QUEM PERTENCE O ESPAÇO URBANO? | 20 |
| 2.1 Urbanização e direito à moradia | 20 |
| 2.2 Movimentos sociais do século XXI | 25 |
| 2.3 Do movimento ao cinema: o MLB e a Lona | 29 |
| 2.3.1 Mapeamento da Mostra Lona | 33 |
| 3 . MOVIMENTOS E CARTOGRAFIAS | 45 |
| 3.1 Movimento audiovisual: o cinema como registro das lutas | 45 |
| 3.2 Cartografias: o movimento analítico cartográfico | 51 |
| 3.2.1 A rua é pública | 53 |
| 3.2.2 Ocupação tem nome de mulher | 61 |
| 3.2.3 Construindo memórias | 68 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 71 |
| REFERÊNCIAS | 74 |
| ANEXOS | 79 |

1 - INTRODUÇÃO

O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo. De acordo com pesquisa apresentada na Síntese de Indicadores Sociais, realizada pelo IBGE, em 2020, a distribuição de renda entre os habitantes é um dos fatores que indicam essa realidade, além da estrutura econômica capitalista e o acesso à educação. Em paralelo a isso, o acesso às condições adequadas de moradia vem se destacando como uma das grandes consequências da desigualdade social no Brasil.

Dados da Fundação João Pinheiro (FJP, 2021) indicam que, em 2019, havia um déficit habitacional no Brasil de 5,786 milhões de domicílios, contemplando áreas urbanas e rurais. Segundo a mesma instituição, esse número compreende três componentes: o gasto excessivo com aluguel urbano, comprometendo mais de 30% da renda de famílias que recebem até 3 salários mínimos; habitações precárias e coabitações. Nota-se, a partir do dado apresentado, que existe uma grande demanda por moradia própria e digna.

O processo de urbanização das cidades escancarou a desigualdade, de acordo com David Harvey (2014), deixando em evidência o surgimento de periferias e comunidades, marcadas pela precarização da infraestrutura e falta de acesso a direitos básicos. Do mesmo modo Milton Santos (1993) diz que, ao passo que aconteceu a urbanização da cidade, verificou-se a chamada urbanização da pobreza, observada principalmente nas grandes cidades. Dessa forma, a população economicamente vulnerável, sem poder adquirir imóveis com altos preços no mercado - efeito da especulação imobiliária - recorre às ocupações urbanas, formadas em condições irregulares.

De acordo com a Constituição Brasileira de 1988, deve ser assegurado aos cidadãos a existência digna, bem como a propriedade deverá cumprir sua função social. Isto é, segundo o Art. 182 da Constituição, “uma propriedade cumpre sua função social quando atende às necessidades fundamentais da cidade” (CONSTITUIÇÃO, 2018, P. 112). Embora o Poder Público ofereça programas de habitação popular e financiamentos à população de baixa renda, essa oferta não supre a demanda habitacional.

Como consequência da ineficácia das ações governamentais relacionadas à falta de moradia, é observado o surgimento dos “aglomerados subnormais”, ou como dito anteriormente, as ocupações urbanas. Aglomerado subnormal, segundo o IBGE, trata-se de

uma forma de ocupação irregular de terrenos de propriedade alheia – públicos ou privados – para fins de habitação em áreas urbanas e, em geral, caracterizados por um padrão urbanístico irregular, carência de serviços públicos essenciais e localização em áreas com restrição à ocupação. No Brasil, esses assentamentos irregulares são conhecidos por diversos nomes como favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, loteamentos irregulares, mocambos e palafitas, entre outros (IBGE, 2021).

O estudo realizado pelo IBGE, com atualizações até dezembro de 2019, indicou a existência de 13.151 aglomerados subnormais, localizados em 734 municípios contemplando todos os estados brasileiros. Dentro dos aglomerados foi verificada a existência de 5.127.747 domicílios. Desse modo, é possível dizer que mais de 5 milhões de famílias vivem em situações consideradas irregulares e inadequadas nas ocupações urbanas. Os dados apresentados pelo IBGE fazem parte de um estudo preliminar antes da realização do Censo Demográfico, que deveria ter ocorrido em 2020, mas foi adiado para 2021 devido à atual conjuntura de saúde pública acometida pela pandemia do Coronavírus (Sars-CoV-2). Em 2021, a edição do Censo foi cancelada após corte orçamentário do presidente Jair Bolsonaro.

Com o agravamento da pandemia foi observado o aumento das situações de pobreza e extrema pobreza no Brasil. Uma das causas da queda da renda da população mais pobre ocorreu devido ao aumento do desemprego, conforme observado em estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV, 2021). Com isso, é possível que o número de pessoas vivendo em ocupações urbanas tenha aumentado, visto que foi observado o aumento de 269% no número de famílias despejadas de suas moradias desde o início da pandemia, de acordo com os índices verificados pela Campanha Despejo Zero (2021).

Da indignação com as realidades sociais, emergem alianças com o objetivo de promover a transformação social. Os movimentos sociais vêm se constituindo como redes de indignação e resistência, levando as pessoas a se envolverem em ações coletivas para defender suas demandas, por meio de redes comunicativas em caminhos autônomos (CASTELLS, 2013).

Diante do contexto de luta por moradia nasce em 1996 o Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas - MLB, que, posteriormente, deu origem à LONA - Mostra Cinemas e Territórios¹, plataforma online que reúne produções audiovisuais, objeto de análise desta pesquisa. O MLB é um movimento social que atua articulado em âmbito nacional e tem como

¹ Ao longo desta pesquisa a LONA - Mostra Cinemas e Territórios poderá ser chamada de mostra Lona, ou somente Lona, bem como o Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas poderá ser referido como MLB e movimento.

bases a luta pela reforma urbana e o direito à moradia digna. Com sua estrutura de comunicação consolidada, o movimento enxerga o cinema como uma potencialidade para difundir sua linha de força e suas defesas. A mostra audiovisual foi lançada em sua plataforma própria de exibição virtual em 2020, em meio a pandemia mundial de Covid-19, na qual uma das consequências impostas foi o isolamento social e a suspensão de atividades presenciais para evitar a propagação do vírus. Nesse mesmo período foi observado que o consumo de cinema em salas de exibição foi diretamente afetado, ganhando novo aspecto de sobrevivência a partir do consumo em plataformas virtuais (ANDRIETTA, 2021).

As obras da mostra são compostas por documentários, curtas e longa-metragens, sob a temática do direito à moradia atravessando todas as produções. A Lona nasce² a partir de uma necessidade de articular, organizar e hospedar as iniciativas, ações e obras audiovisuais, que foram produzidas dentro dos territórios ocupados pelo MLB, em um lugar que fosse possível reunir e exibir para um público amplo. Parte das obras, antes da criação da plataforma, ganharam exibições promovidas pelo movimento dentro dos territórios ocupados, como também os realizadores dos filmes faziam suas próprias exibições. Em Belo Horizonte, desde 2013, o movimento começou a promover tais eventos em formatos diversos, como oficinas de cinema, exibições e cineclubes organizados dentro das ocupações.

Entre as quatro³ propostas que contemplam a Lona, esta pesquisa tem como foco a Mostra Acervo, que conta com 19 obras, sendo 18 delas produzidas em diversos estados brasileiros - Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Ceará, São Paulo e Rio Grande do Sul - e, o décimo nono filme, uma realização da Comissão Nacional de Comunicação do MLB que aborda os 20 anos do movimento. Essas produções, em geral, tematizam sobre as diversas problemáticas presentes no campo das ocupações e dá a esta pesquisa ferramentas para compreender o cinema enquanto registro das lutas sociais.

A motivação para a construção desta pesquisa partiu, inicialmente, da ideia de produzir um documentário que abordasse a temática das ocupações urbanas enquanto movimento de luta por moradia. Partiu também da necessidade de fazer experimentações no campo do audiovisual, trabalhando a perspectiva social do cinema, para além dos aspectos estéticos e narrativos. No entanto, devido à pandemia, a proposta se mostrou inviável. Foi

² Informações obtidas por meio de entrevista realizada pela autora com Cristiano Araújo, militante do MLB e um dos idealizadores da Lona.

³ A Lona possui quatro propostas audiovisuais: Mostra Acervo, Mostra Atravessamentos, programa Homenagem e o programa Despejo Zero, cada uma trabalhando sua perspectiva mas tendo sempre como vetor principal o direito à moradia.

necessário adaptar a ideia inicial para o trabalho desenvolvido aqui, explorando a temática a partir de materiais já existentes e que abordassem a mesma perspectiva.

Esta pesquisa é atravessada por dois campos de estudos pelos quais me interesso, audiovisual e lutas sociais. A realização deste trabalho será útil na produção de conhecimento acerca do cinema enquanto registro da prática comunicativa e das subjetividades. Além de analisar a construção cinematográfica como uma janela para observação das realidades sociais e também como instrumento político.

Sendo assim, este trabalho busca compreender, a partir das narrativas que emergem das obras que contemplam a Mostra Acervo, a estrutura que se constituiu para formação das ocupações urbanas em decorrência das desigualdades sociais, fruto do sistema capitalista. A pergunta que orienta esta pesquisa gira em torno de como se dão as subjetividades propostas por meio da Lona e como elas exercem a função de lupa para a leitura da realidade social, tendo como cenário os territórios ocupados pelo MLB. Isto é, caberá compreender como a mostra representa identidades, interesses, subjetividades e demandas do MLB.

Para discutir os propósitos da pesquisa, o trabalho percorre o seu caminho trazendo inicialmente uma pesquisa bibliográfica, que consiste na contextualização da problemática na qual o objeto de estudo está inserido, a partir de um panorama sócio-histórico. A construção do objeto convoca um corpo de conceitos que serão tratados nessa pesquisa, a fim de fundamentar o caminho percorrido para se chegar às respostas pretendidas (FRANÇA, 2016). Portanto, se fez necessário neste trabalho, a revisão conceitual do direito à moradia, urbanização, cidade, ocupação, cidadania e movimentos sociais.

A partir disso, propõe-se, no segundo capítulo, uma discussão a respeito do direito à moradia. Sob a luz de autores que discutem os processos de urbanização das cidades, como David Harvey, Milton Santos e Ermínia Maricato, este capítulo traça um panorama histórico da formação das cidades e suas comunidades periféricas, bem como o déficit habitacional e o surgimento das ocupações como alternativa involuntária de moradia para a população economicamente vulnerável. Como forma de exercício da cidadania, esse capítulo aborda também os movimentos sociais e a nova forma de se articularem e promoverem sua autocomunicação a partir da organização em rede (CASTELLS, 2002). Por fim, apresenta de forma mais contextualizada o objeto de pesquisa e sua problemática, bem como indica as proposições que serão analisadas nos capítulos seguintes.

O terceiro capítulo apresenta os movimentos observados na Mostra e também a cartografia proposta por esta pesquisa. São explorados aspectos das produções audiovisuais

como registro das lutas sociais e como podem ser utilizadas como uma lupa para leituras das realidades sociais. Nesse sentido, foram exploradas a perspectiva do midiativismo, conceito caracterizado por apresentar um caráter que vise a mudança social a partir das relações e interações dos sujeitos ativistas (BRAIGHI e CÂMARA, 2018); cinema militante e cinema de ocupação, tal como propõe o autor Pedro Loureiro Severien (2018), para compreender as questões que permeiam o fazer cinematográfico com engajamento político. Após traçar esse percurso, foi necessário adentrar nas discussões da pesquisa, a partir da apresentação e análise da Mostra Acervo e dos filmes que a constituem, exploração das narrativas que emergem dela, observando-se as narrativas secundárias que atravessam as obras. O quarto e último capítulo apresenta as considerações finais da pesquisa.

Para coleta de dados a respeito da mostra Lona foi utilizada a técnica de pesquisa qualitativa, por meio de entrevista com pauta definida, com um dos integrantes do MLB, que permitirá “aproximações empíricas ao fenômeno investigado, com o intuito de perceber seus contornos, nuances e singularidades” (BONIN, 2016, p. 222). E, para olhar para as obras da Lona, foi necessário buscar referências da análise de conteúdo a fim de mapear grupos temáticos, considerando as três fases de levantamento: a pré-análise, a exploração do material e, por último, o tratamento dos resultados, com inferências e interpretação (BARDIN, 2016). A análise de conteúdo visou selecionar e categorizar as produções, por meio de observações quantitativas e qualitativas, para assim obter as categorias que serviram de base para a análise e discussão deste trabalho.

Esta pesquisa propõe uma cartografia que, por sua vez, pretende observar as narrativas emergentes, linhas de força e de fuga da mostra. Tal movimento permitiu mapear algumas nuances apresentadas nas obras da Lona que interessavam a esta pesquisa enquanto pontos de atenção, bem como a observação da tessitura dos acontecimentos e das relações estabelecidas. Trazendo autores como Rosário (2016), Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2010), o movimento cartográfico proposto se deu a partir de discussões com base nas problemáticas vivenciadas pelos sujeitos sociais representados nas ocupações. Também se mostrou importante pousar a atenção em aspectos das produções audiovisuais escolhidas, visto que essa é a linguagem compreendida do objeto deste trabalho.

2 - A QUEM PERTENCE O ESPAÇO URBANO?

2.1 Urbanização e direito à moradia

David Harvey, em seu livro “Cidades Rebeldes - Do direito à cidade à revolução urbana” (2014), reflete sobre a luta por direitos coletivos, mais especificamente sobre o direito à cidade, suas demandas e reivindicações, a partir de considerações do filósofo Henri Lefebvre. Harvey (2014), à luz de Park (1976), apresenta um conceito próprio de cidade que é:

[...] a mais consistente e, no geral, a mais bem-sucedida tentativa do homem de refazer o mundo onde vive de acordo com o desejo de seu coração. Porém, se a cidade é o mundo que o homem criou, então é nesse mundo que de agora em diante ele está condenado a viver. Assim, indiretamente sem nenhuma ideia clara da natureza de sua tarefa, ao fazer a cidade, o homem fez a si mesmo (PARK, 1976 apud HARVEY, 2014, p.28).

Harvey diz, levando em conta a reflexão de Park, que o direito à cidade vai além do acesso individual e coletivo aos seus recursos, esse direito diz sobre reinventar a cidade de acordo com os desejos daqueles que utilizam o seu espaço. Tal reivindicação, depende “do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização”, que por sua vez vem sendo controlado nos últimos anos por forças poderosas que levaram a uma dramática e rápida urbanização (HARVEY, 2014, p.28; 29).

Para o autor, a urbanização sempre foi um tipo de fenômeno de classe que coexiste com o capitalismo. Isto é, os capitalistas, a fim de obter lucro, produzem excedentes para atender às demandas da população urbana crescente, mas, também, por outro lado, dependem da urbanização para absorver o excedente de produção.

Dessa maneira, surge uma ligação íntima entre o desenvolvimento do capitalismo e a urbanização. Não surpreende, portanto, que as curvas logísticas do aumento da produção capitalista sejam, com o tempo, muito semelhantes às curvas logísticas da urbanização da população mundial. (HARVEY, 2014, p.30).

De acordo com Harvey, a política do capitalismo, que consiste em reinvestir o lucro provocando ainda mais a expansão da produção de excedentes, é afetada pela eterna necessidade de encontrar esferas rentáveis para a produção e absorção do excedente de

capital. O lucro acumulado e a concentração de riqueza nas mãos de poucos são questões que emergem do sistema capitalista e alimentam o crescimento desigual das cidades.

A relação entre o capitalismo e o processo de urbanização das cidades foi observada em diversos lugares do mundo, e é mais visível nas grandes metrópoles. Harvey exemplifica essa relação por meio do caso de Paris, na França, e das cidades dos Estados Unidos, e também como esses lugares foram se tornando referência para os demais países. Na crise da Europa, em 1848, enquanto havia excedente de capital para alguns, havia na mesma medida o excesso de desemprego. Em Paris, a solução encontrada na época para resolver a crise política foi a repressão, ordenada pela burguesia, dos movimentos revolucionários e dos trabalhadores que emergiram na época, levando ao poder, por meio de um golpe em 1851, o autoproclamado imperador Luís Bonaparte⁴.

Além da questão política, havia a crise econômica gerada pelo capital excedente e, para isso, foi implantado um programa de investimento em infraestrutura urbana, absorvendo grande quantidade de mão-de-obra e capital. A reconstrução de Paris a transformou no maior centro de consumo, turismo e prazeres, entretanto, deixou pessoas desalojadas devido às obras na cidade, além disso, o novo estilo de vida excluía a classe trabalhadora, já que essa não tinha a condição financeira necessária para bancar esse estilo de vida. Esse sistema financeiro e especulativo não se sustentou e funcionou até 1868, levando Napoleão a declarar guerra contra a Alemanha e perder. Nesse contexto é constituída a Comuna de Paris, “um dos maiores episódios revolucionários da história capitalista urbana” (HARVEY, 2014, p.35). A Comuna funcionou até 1872 e teve como característica se opor à nova configuração da cidade, com o objetivo de devolvê-la aos desalojados.

Assim como no caso de Paris, Harvey fala sobre a problemática da aplicação do capital excedente nos Estados Unidos, em 1942 - mesma época em que estava acontecendo a Segunda Guerra Mundial. As cidades e as regiões metropolitanas passaram por transformações infraestruturais, implantação de autoestradas, assim como mudanças no modo de vida. O processo de urbanização e suburbanização se deu por meio das instituições de crédito que fomentaram o mercado imobiliário. Contudo, houve consequências sociais como o esvaziamento dos centros urbanos, surgimento dos subúrbios, grupos marginalizados e minorias prejudicadas. Nesse cenário, em 1968, em meio a guerra dos EUA contra o Vietnã,

⁴ Napoleão Bonaparte ou Napoleão III

acontece uma rebelião contra o imperialismo norte-americano⁵ e, com o sistema capitalista em colapso, é instaurada uma crise financeira a nível global, provocada pela bolha imobiliária. A fim de resolver a crise, foi formada uma aliança entre poder estatal e instituições financeiras, protegendo o capital às custas do padrão de vida da classe operária.

Harvey afirma que havia um entendimento, até 2008⁶, que o mercado imobiliário era um importante estabilizador da economia porque ele absorvia uma parte significativa do capital excedente, que era investido em novas construções enquanto o mercado interno também era impulsionado pela inflação do preço das moradias e refinanciamento hipotecário. Com isso, a regulação do mercado global se deu devido à expansão urbana e especulação imobiliária.

Os processos de urbanização e ascensão do sistema capitalista tornaram-se globais, ou seja, países do mundo inteiro começaram a impulsionar o mercado imobiliário de forma parecida com as estratégias dos Estados Unidos.

Quase todas as cidades do mundo testemunharam a explosão imobiliária que favorecia os ricos - quase todas deploravelmente parecidas - em meio a um turbilhão de migrantes miseráveis, à medida que o campesinato rural era desapropriado pela industrialização e comercialização da agricultura. (HARVEY, 2014, p.42).

Para manter o impulsionamento do mercado imobiliário foi necessária a criação de novas instituições e mecanismos financeiros a fim de organizar o crédito essencial para sustentá-lo e impedir uma nova crise, como ocorrido em 2008. Os altos custos das moradias implicou na migração das pessoas para as periferias, dando origem a problemas de mobilidade urbana devido ao alto custo das passagens diárias e combustível. De acordo com Harvey, a qualidade de vida se tornou uma mercadoria para os ricos e as cidades se tornaram cada vez mais divididas, fragmentadas e propensas a conflitos.

No Brasil, conforme o geógrafo brasileiro Milton Santos (1993), esse processo de urbanização atingiu grande parte do território ainda no século XX. Devido aos avanços da industrialização, com surgimento de indústrias nas cidades em paralelo à modernização da produção rural, que absorvia cada vez menos mão-de-obra, verificou-se a migração da população rural para o espaço urbano. O grande crescimento e expansão das cidades

⁵ Segundo Harvey (2014), a rebelião contra o imperialismo norte-americano se deu a partir da busca de aliança por parte de estudantes brancos de classe média com grupos marginalizados, com objetivo de reivindicar uma nova experiência urbana que fosse mais acessível.

⁶ Em 2008 deu-se início a uma crise financeira mundial. A expansão do crédito imobiliário associada à queda da renda familiar, desemprego, entre outros fatores levaram à falência do banco Lehman Brothers e outras instituições financeiras, e em seguida, a quebra da bolsa.

aconteceu primeiro nas cidades milionárias, avançou para as intermediárias e depois para as locais. O autor atribui o tamanho desmesurado dessas cidades como uma consequência da especulação⁷.

No entanto, Santos (1993) ainda observa que o processo de urbanização brasileiro passou por três estágios. O primeiro é classificado como urbanização aglomerada e se deu a partir dos anos 50, em núcleos nos municípios com mais de 20.000 habitantes. Esse estágio teve como característica o rápido crescimento da população, além de multiplicar o número de habitantes. No segundo estágio verifica-se a urbanização concentrada, observada nos locais onde a população ultrapassava 100.000 habitantes. Com o surgimento dos centros de consumo e consequente maior circulação de pessoas nesses espaços, gerou-se, assim, uma concentração demográfica e de atividades. E, por fim, o terceiro estágio, também chamado de estágio de metropolização, compreendeu as cidades milionárias, ou seja, com mais de um milhão de habitantes. O número de metrópoles aumentou no Brasil de duas, em 1960, para 12, em 1991. Além disso, surgiram as regiões metropolitanas, que abrangiam as regiões urbanas com características próximas.

Desse modo é possível identificar que, em paralelo a urbanização, há uma tendência para o surgimento de metrópoles. Entretanto, o processo de crescimento das cidades está ligado à expansão das regiões periféricas, conferindo assim grande desigualdade social e presença de diversos problemas, como habitação precarizada, saneamento básico, mobilidade, acesso à serviços de saúde, educação, lazer. Embora esteja presente em todas, tais problemas se tornam mais visíveis nas grandes cidades. Santos (1993) também atribui este fato ao capitalismo, devido à urbanização corporativa, financiada pelos grandes empreendimentos.

Nesse sentido, Sposito (2004) dialoga com Harvey, quando diz que a cidade pode ser considerada o local que oferece as melhores condições para o desenvolvimento do capitalismo. Isto porque, a urbanização concentrada permitia também a concentração do capital.

O seu caráter de concentração e densidade viabiliza a realização com maior rapidez do ciclo do capital, ou seja, diminui o tempo entre o primeiro investimento necessário à realização de uma determinada produção e o consumo do produto. A cidade reúne qualitativa e quantitativamente as condições necessárias ao desenvolvimento do capitalismo, e por isso ocupa o papel de comando na divisão social do trabalho. (2004, p.64).

⁷ De acordo com o pesquisador brasileiro, Roberto Borges Kerr, o especulador é “o agente que está buscando auferir lucros com operações de derivativos comprando e vendendo rapidamente, tentando comprar por um preço mais baixo e vender por um mais alto” (KERR, 2011, p. 184)

Como consequência das desigualdades sociais resultantes da forma de produção capitalista e da urbanização das cidades sob essa lógica, a parcela da população em situação de pobreza frequentemente recorre a regiões precarizadas em busca de moradia, já que as regiões com melhores condições de habitação geram altos custos devido à especulação imobiliária. De acordo com a pesquisadora brasileira Ermínia Maricato (1996), as ocupações e edificações irregulares em áreas urbanas atingem mais de cinquenta por cento das construções nas grandes cidades brasileiras.

Mas é necessário entender para além da perspectiva burguesa punitivista que criminaliza as ocupações. Por um lado, os espaços são ocupados pela população pobre, que também é vítima do processo de urbanização. Portanto, essas pessoas são ignoradas pelo planejamento urbano realizado pelo poder público, tendo como consequência local a falta de saneamento, segurança ambiental, entre outros direitos básicos negados. Por outro lado, o planejamento urbano prioriza o mercado imobiliário, por meio de leis detalhadas de uso do solo e zoneamento, podendo contribuir para a prática de corrupção e favorecimento político.

Não há dúvidas quanto às injustiças sociais impostas à população pobre pelos processos de urbanização. Contudo, ter direito à cidade é uma das facetas do que é ser cidadão, e por conseguinte, exercer a cidadania. De acordo com Milton Santos (2007), a partir do momento que um indivíduo nasce, ele se torna parte da sociedade e instantaneamente passa a ter direitos. A cidadania é o respeito aos direitos dos cidadãos e ela absorve toda a sociedade, sem distinção entre os indivíduos.

Viver, tornar-se um ser no mundo, é assumir, com os demais, uma herança moral, que faz de cada qual um portador de prerrogativas sociais. Direito a um teto, à comida, à educação, à saúde, à proteção contra o frio, a chuva, as intempéries; direito ao trabalho, à justiça, à liberdade e a uma existência digna. (SANTOS, 2007, P.19)

Santos (2007) diz que a cidadania, além de se manifestar como um estado de espírito sujeito a ser enraizado na cultura de um povo, é uma situação social, jurídica, política e deve ser garantida institucionalmente por meio de leis, para que possa ser usufruída e ter eficácia ao longo das gerações. Dessa forma, quando houver um impedimento para acessar aos direitos garantidos ao cidadão, o exercício da cidadania garantirá ainda o direito à reivindicação desses direitos. Embora no plano conceitual o entendimento de cidadania seja esclarecedor, segundo Santos (2007), citando Marshall (1965), existe uma tensão entre “o

princípio de igualdade implícito no conceito de cidadania e a desigualdade inerente ao sistema capitalista”(SANTOS, 2007, p. 20 e 21).

2.2 Movimentos sociais do século XXI

Considerando a concepção de cidadania enquanto um acordo de respeito aos direitos dos cidadãos, é possível dizer que ela pode ser fortalecida por meio de mobilizações sociais, ao passo que estas são uma forma de reivindicação. De acordo com Santos, “a participação social é essencial para a construção da cidadania plena e pela efetiva democracia política”. (SANTOS, 2018, p. 114)

Por certo, uma forma muito efetiva de reivindicação de direitos, são as ações coletivas contemporâneas. A pesquisadora brasileira Maria da Glória Gohn (2010) diz que, a partir do século XXI, os movimentos sociais apresentaram uma nova configuração frente às suas lutas. Os novos movimentos sociais (NMS), organizados por sujeitos políticos e culturais, são representados por grupos com identidades diversas de atores sociais que apresentam demandas específicas voltadas para os problemas e questões que afetam o seu grupo. Esses coletivos constroem um modelo diferente do que os movimentos presentes nos anos 1980, que tinham como foco as demandas voltadas para objetivos ideológicos e políticos. A partir dessa mudança, a autora aponta que das novas articulações da sociedade civil, surgem redes sociais e temáticas organizadas segundo gênero, faixa etária, questões ecológicas e socioambientais, étnicas, raciais, religiosas, além dos fóruns, conselhos, câmaras entre outros.

De acordo com Gohn, os NMS também se caracterizam por se preocuparem em assegurar direitos sociais para os seus grupos temáticos de atuação. A forma que utilizam para a mobilização das pessoas ocorre por meio da mídia e também por atividades de protesto. Ela diz que “por meio de ações diretas, buscam promover mudanças nos valores dominantes e alterar situações de discriminação, principalmente dentro de instituições da própria sociedade civil”. (GOHN, 1997, p.126)

Nesse sentido, Manuel Castells (2012) destaca a incorporação de novas tecnologias como um fator importante para a articulação em rede dos movimentos sociais, observados a partir do novo século. Segundo ele, não apenas os novos movimentos sociais estão em rede, mas também é verificado que toda a sociedade está em rede. Isto pode ser explicado tendo em vista a interação entre o avanço das tecnologias da informação e a adaptação da sociedade para utilizar as novas tecnologias.

Gohn (2010), destaca que as novas articulações da sociedade se destacam por serem mais ativas, propositivas e se articularem em rede. Identificados por eixos temáticos, esses grupos organizados podem ser classificados em três grandes movimentos. Há os grupos identitários que lutam por direitos, há os movimentos globais que atuam em redes sociopolíticas e culturais, e há também o grupo que luta por melhores condições de vida e de trabalho, no território urbano e rural, desse grupo organizado se origina o Movimento de Luta nos Bairros, vilas e favelas - MLB, rede articulada abordada nessa pesquisa.

Na América Latina, conforme mencionado por Gohn, foi observado um redesenho dos movimentos sociais em um contexto sociopolítico, econômico e cultural dos países, a partir de cinco elementos que diferenciam os NMS, em relação aos do passado. Em primeiro lugar começa a existir uma necessidade de qualificar o tipo de movimento, que passa a ser tematizado de acordo com sua categoria. A tematização é derivada do segundo elemento, que se caracteriza pela distinção dos movimentos emergentes do século XIX e início do XX, que não eram autocentrados e buscavam uma luta por direitos universais. É observado, no terceiro elemento, que esse grupos começam a fazer parcerias com o Estado, incorporando sujeitos políticos da sociedade civil, o que leva os movimentos a alterarem suas formas de reivindicação para não ficar à margem da história.

Um novo elemento observado é a alteração no formato das mobilizações e forma de atuação dos movimentos, que passa a ser realizada também nas redes digitais, devido a difusão das novas tecnologias e expansão dos meios de comunicação. Outro elemento é a ausência de produções acadêmicas com relação às diferenças históricas e teóricas entre os movimentos sociais do passado e da atualidade. Para Gohn, o formato antigo dos movimentos sociais, caracterizado por atuação mais ideológica e política, ainda não saiu de cena completamente na atualidade, eles continuam atuando e, muitas vezes, estão entrecruzados com os novos movimentos, caracterizados pela atuação organizada em rede e mais propositiva. Ela ainda diz que ambos continuarão existindo por muito tempo já que atuam de formas diferentes, uma no campo do conflito e outra no campo da cooperação e integração social.

É importante destacar quem são os atores sociais que protagonizam as ações coletivas na sociedade civil organizada e quais são as principais organizações atuantes em questões sociais, econômicas, culturais e ambientais. Os atores sociais são classificados em quatro sujeitos sociopolíticos: os movimentos sociais; as ONGs, entidades assistenciais e o Terceiro Setor; fóruns, plenárias e articulações nacionais e transnacionais; conselhos, programas ou

políticas sociais. A partir disso, Gohn diz que os movimentos sociais são a base de muitas ações coletivas, mas ambos têm atuações distintas. As ações coletivas são organizadas hierarquicamente, focadas somente em si mesmas, elas atuam em ações pontuais e não desenvolvem autonomia frente às lutas que defendem. Já os movimentos têm como cerne uma atuação coesa e organizada, gerando frentes de solidariedade social e impulsionando outras pessoas a somarem com o movimento, a partir da mobilização de ideias, valores e aprendizados coletivos.

As ações dos movimentos sociais impulsionam mudanças diversas de acordo com as lutas enfrentadas pelos também diversos eixos temáticos em que atuam. Esses eixos temáticos das lutas são demarcados pelos interesses, identidades, subjetividades e projetos de grupos sociais, segundo Gohn. Essa perspectiva será importante para esta pesquisa, ela permitirá observar os eixos temáticos do MLB e como eles estão representados na mostra Lona, bem como a mostra representa identidades, interesses, subjetividades e demandas do MLB.

Para desenvolver o mapeamento dos movimentos, a autora apresenta dez eixos temáticos da atualidade brasileira⁸. Entre eles estão os movimentos sociais ao redor da questão urbana, que interessa particularmente a esta pesquisa por relacionar-se à área temática do MLB. Este eixo se desdobra em subtemas como o direito à moradia, a violência urbana e a prestação de serviços públicos como educação, saúde e transporte.

Segundo Gohn (2010), os movimentos sociais ao redor da questão urbana se intensificaram a partir dos anos 2000 devido a uma emergência de problemas sociais e ambientais das camadas mais populares da sociedade. A queda na qualidade de vida, a deterioração das condições de moradia, a queda na segurança pública foram alguns dos problemas encontrados nas grandes cidades que levaram os movimentos sociais a se organizarem nas frentes de luta. Para a autora, os movimentos sociais engajados na questão da moradia podem ser identificados em três frentes de lutas diferentes: existem aqueles que atuam no plano institucional; os movimentos populares de luta pela moradia; e as associações de moradores.

⁸ De acordo com Gohn, os dez eixos temáticos dos NVS são divididos em: 1) Movimentos sociais ao redor da questão urbana; 2) Movimentos em torno da questão do meio ambiente: urbano e rural; 3) Movimentos identitários e culturais: gênero, etnia, gerações; 4) Movimentos de demandas na área do direito; 5) Movimentos ao redor da questão da fome; 6) Mobilizações e movimentos sociais área do trabalho; 7) Movimentos decorrentes de questões religiosas; 8) Mobilizações e movimentos rurais; 9) Movimentos sociais no setor de comunicações; 10) Movimentos sociais globais. (GOHN, 2010, pp. 34-35, Edição do Kindle).

A atuação no plano institucional se deu a partir da articulação entre intelectuais e movimentos populares. Os intelectuais são assessores que auxiliaram juridicamente os movimentos e também parlamentares. Uma das conquistas mais importantes desse tipo de atuação foi o Estatuto da Cidade, Lei nº 10.257/2001, que “estabelece normas de ordem pública e interesse social que regulam o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos, bem como do equilíbrio ambiental” (BRASIL, 2001).

Os movimentos sociais populares de luta pela moradia passam por períodos de destaque e também por perda da visibilidade entre os anos de 1980 e 2000. A União Nacional por Moradia Popular foi uma das entidades originárias desse tipo de atuação ainda no final do século XX. Segundo Gohn, a partir do novo milênio ocorrem algumas novidades no campo dos movimentos sociais de luta urbana pela moradia. Novas entidades surgem, assim como articulações entre os movimentos sociais de modo geral, formando grupos maiores e fóruns com integração de diferentes movimentos com atuação em diversos eixos temáticos. Outra novidade é a migração de conflitos da periferia para os centros das cidades. Alguns movimentos começam a liderar as ocupações de prédios abandonados nas regiões centrais das capitais. Gohn também diz que nos movimentos desse período, é observada uma grande presença de mulheres.

Nos movimentos pela moradia observa-se a presença maciça de mulheres, especialmente entre os sem-teto. Os dados do IBGE de 2000 ajudam-nos a explicar: em 1991, o número de mulheres chefes de família ou respondendo pela casa era de 18,1% do total. Em 2000 este número passou para 24,9%, e, em 2006, para 29,2%. A taxa de desemprego é também duas vezes maior entre elas. (GOHN, 2010, P. 41. Edição do Kindle)

Ainda abordando os movimentos que atuam sobre a questão urbana, foi observado um crescimento e diversificação dos movimentos de associações de moradores, um dos primeiros a tratar de forma coletiva os problemas dos cidadãos. São lideranças locais dos bairros que atuam na implantação de projetos sociais nas comunidades, geralmente articulados com entidades do Terceiro Setor. Eles também atuam levando as demandas locais para espaços participativos na criação de políticas públicas.

2.3 Do movimento ao cinema: o MLB e a Lona

A Lona - Mostra Cinemas e Territórios, objeto desta pesquisa, é um projeto realizado pelo Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), e tem como objetivo reunir produções audiovisuais a partir de documentários e filmes realizados dentro do contexto das ocupações urbanas promovidas pelo MLB. Desse modo, vale ressaltar que o MLB⁹ se define como um movimento social, de âmbito nacional, que luta pela reforma urbana e pela moradia digna, sendo este um direito humano. O movimento começou em 1996¹⁰, quando foi realizada a ocupação da Vila Corumbiara, em Belo Horizonte (MG), mas se consolidou em 1999, com a criação de redes articuladas em outros estados. A partir de 2002, passou a realizar ocupações em bairros.

Além de reivindicar a urbanização, melhorias estruturais e direitos básicos necessários às comunidades, o movimento atua diretamente no direito à moradia, porque antes de ter acesso a tais direitos básicos, as pessoas precisam ter acesso a um teto. A ação coletiva do MLB está presente em vários estados do Brasil e está localizada, sobretudo, nos espaços ignorados pelo poder público, como nas ocupações de prédios e terrenos ociosos. De acordo com a cartilha do movimento, disponível em sua página na internet, a reforma urbana é um instrumento capaz de reformular a atual construção da sociedade, por meio da luta por moradia. O movimento atua tanto na mobilização das pessoas frente a sua luta, bem como em tensão com o poder público, a partir da pressão popular a fim de chamar atenção para os problemas enfrentados pelo povo pobre nas grandes cidades.

Historicamente, os movimentos sociais são alvos de ataques, seja por parte da mídia hegemônica ou por parte do poder público, gerando uma corrente de criminalização contra esses grupos. A partir disso, os movimentos foram buscando outras formas de ganhar visibilidade por meio de caminhos autônomos.

Tendo em vista esse contexto, a partir de 2013 o MLB dá início a um processo de estruturação da sua rede de comunicação, articulada também com uma rede de atores sociais,

⁹ De acordo com cartilha institucional do MLB, disponível em <https://cf43681a-3793-425c-8778-25cc7b380065.filesusr.com/ugd/ab3c6b_aadf96cd4c2a40b39fc1490b2e81959c.pdf>. Acesso em: 27/11/2021

¹⁰ Conforme informações apresentadas a partir de entrevista concedida ao Cinema em transe, um podcast criado por alunos de Cinema e Audiovisual, na PUC Minas, destinado exclusivamente ao estudo Cinema Brasileiro e suas amplitudes. Acesso em 16 de novembro de 2021. Disponível em <<https://anchor.fm/cinemaemtranse/episodes/3---Cinema--Militancia-e-MLB-com-Aiano-Bemfica-e-Edinho-Vieira-eqjsh>>.

entre elas os militantes do movimento, apoiadores e voluntários. Nesse sentido, a produção audiovisual ganha destaque a partir da realização de campanhas diversas e posteriormente na produção de filmes, objeto de interesse desta pesquisa. Desse modo, foram produzidas uma série de trabalhos, entre eles filmes produzidos pelo MLB, ou por meio de parcerias, alianças com documentaristas, coletivos e realizadores. Essas produções deram origem ao que hoje é a plataforma na qual pode ser acessada a mostra Lona, lançada em maio de 2020, com a exibição das obras até então reunidas ao longo dos anos, assim está descrita em sua página na Internet.

Pensada inicialmente como uma plataforma online, resposta que damos ao desafio de se construir um espaço de exibição em tempos de pandemia da COVID-19. Ao longo dos últimos anos, a produção e circulação de imagens em suas mais diversas complexidades têm, cada vez mais, se tornado mais uma forma de criação e participação política no seio de nossas lutas. Assim, oficinas, mostras, cineclubes e a realização de obras audiovisuais têm se consolidado como práticas perenes em nossos territórios e também como espaço para elaboração sobre mundo. Nesta aliança entre as lutas do MLB e o cinema criamos a LONA - Mostra Cinemas e Territórios. Entre longas e curtas-metragens que tematizam, tensionam ou atravessam questões ligadas à luta pela terra nas cidades, no campo e em contextos indígenas. (MLB, 2020).

Conforme destacado por Araújo¹¹ (2021), a partir da entrevista realizada para esta pesquisa, o objetivo da Mostra Lona, a princípio, foi reunir uma produção de filmes que já foram realizados sobre as ocupações do MLB, nos territórios que ele ocupa, ou também pelo próprio movimento. A construção da Lona é uma tentativa de organizar o material já existente e promover um lugar para organização, difusão e circulação de todo esse trabalho que vem sendo desenvolvido há alguns anos, seja pelo movimento ou por parceiros. De acordo com ele, esse é o primeiro caráter da mostra de cinema. O segundo é levar, por meio do cinema, o debate e a linha do movimento social. E por meio da mostra difundir um pouco do que é discutido pelo MLB, o que ele propõe para a cidade, a reforma urbana, enfim, levar temas e debates que são caros ao movimento por meio dessa produção de filmes. Com isso, o intuito é atingir um público maior, por meio desse trabalho audiovisual.

Segundo Cristiano Araújo, há três possíveis tipos de público que a Lona busca atingir por meio dos filmes. O primeiro, sem ordem de prioridade, é o próprio público que assiste mostras e festivais de cinema. É um público que encontra a Lona por meio de discussões sobre cinema. Esse é um público grande, considerando também as pessoas que não

¹¹ Cristiano Araújo, militante do MLB nos últimos anos, atua no município de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Também atua na Lona, a princípio na idealização, mas também na curadoria, produção e pesquisa do acervo. Desempenha algumas outras diversas tarefas dentro do movimento, sendo uma das principais a comunicação e já participou da realização de alguns filmes junto ao movimento.

acompanham o MLB mas estão à procura de um conteúdo diferente para assistir, seja em mostras presenciais ou em casa. Um segundo tipo de público, que a Lona tenta atingir é a própria militância da esquerda brasileira, para além do MLB, seja de movimentos parceiros ou militantes de modo geral.

E eu acho que essa foi uma resposta muito grande que a gente teve, quando a gente teve aquela edição da mostra, muito da militância espalhada pelo Brasil, principalmente do MLB, mas não só dele, de pessoas que estão envolvidas nessas lutas, mas que ainda tem pouco acesso a esses filmes mesmo e eu acho que foi um público com muita resposta. (ARAÚJO, 2021)

O possível terceiro público que a Lona tenta atingir são os militantes e famílias que ocupam os territórios junto ao MLB. Segundo o entrevistado, essa é uma tentativa de levar esses filmes de forma mais acessível a todos que compõe ou que, de alguma forma, estão nos territórios onde o MLB atua.

Atualmente, os filmes incluídos na Mostra Acervo estão hospedados no YouTube. Cristiano diz que, apesar de receber o nome de “mostra”, o conteúdo é um acervo aberto, ele está disponível gratuitamente para que qualquer pessoa com acesso a internet possa assistir. Além da Mostra Acervo, a Lona tem outras propostas temporárias de mostra, com outros temas e outros filmes. Embora tenha um acervo fixo, a Lona apresenta alguns filmes que atualmente não estão mais disponíveis para visualização por meio da Mostra Acervo devido a exibição, em outros locais ou venda para veículos de mídia.

Com diversidade de formas de produção, realização e sujeitos que usam o audiovisual para se comunicar, os filmes da mostra reúnem desde cineastas a pessoas que residem nos territórios ocupados. Há cineastas e documentaristas que se aproximam dos territórios em que o MLB atua e realizam filmes sobre as ações. “Tem dois filmes da Denia, que é de Natal. Ela é uma diretora e também uma professora de cinema, que já fez dois filmes ligados às ocupações do MLB lá no Rio Grande do Norte.” (ARAÚJO, 2021) E há também indivíduos que atuam se aproximando do ativismo social, são apoiadores do movimento e da luta por moradia, e também já produziram filmes junto ao MLB. E um terceiro grupo de realizadores de filmes parte de uma produção do próprio movimento, seja por militantes ou por uma equipe de comunicação. E nesse caso, os militantes utilizam vídeos gravados pelos moradores de ocupação e também por sujeitos que não são moradores de ocupação.

As temáticas e problemáticas que os filmes se apropriam, refletem diferentes camadas de acordo com contextos diversos de produção. Cristiano diz que os modos de fazer um determinado filme, a relação com os moradores de onde se está filmando e a relação com o

movimento que foi criado naquele momento de produção dos filmes, partem de muito de cada obra. Além disso, dependem mais ainda do realizador ou realizadora do que do contexto da produção.

No caso de filmes que são feitos por pessoas de fora do movimento, antes da produção, em geral, é realizado um contato prévio com os coordenadores das ocupações que são do MLB, a fim de combinar e acordar a demanda. São definidos nesse contato como vai ser o filme, quais dias serão realizadas as gravações e quais serão os sujeitos que participarão da construção narrativa, contando um pouco da história. “Com essa chegada, com essa aproximação vai entendendo ali, o que vai ser filmado. Como a maioria é documentário, eles começam a conversar com as pessoas, aproximando alguns moradores para produção do filme”. (ARAÚJO, 2021). O entrevistado também acredita que a multiplicidade de filmes, temas, formas de abordar e a própria linguagem do filme mostra um pouco dessa diversidade que é a luta das ocupações no Brasil. “Então juntar isso tudo é também apontar para essas várias formas de olhar e de falar, a partir da luta pela moradia parte da luta das ocupações”.

Um ponto que se tornou importante para esta pesquisa é que a Lona não necessariamente é uma realizadora de filmes. O que ela propôs, até então, é um trabalho de curadoria e difusão desse material. De acordo com Cristiano, com os filmes finalizados, foi realizado um trabalho de visualização e seleção do conteúdo e a partir disso foram feitas as exposições. A Lona é um espaço para exibir, pensar e discutir os filmes. Acontece que algumas pessoas que compõem a curadoria da mostra também são pessoas que participam de processos de produção, mas de forma independente.

A gente formou um grupo, que era um grupo mais de pessoas ligadas ao cinema mesmo, que apoia a luta, mas que não são necessariamente do MLB. Criou esse grupo para fazer a Lona. E aí, algumas pessoas coincidem com quem já fez filmes. A Lona é quase como se fosse um GT, um grupo de trabalho, mas que ele se abre para a cidade. Ele não é um trabalho específico do MLB, mas é um trabalho coordenado pelo MLB que se abre para a cidade para participação de outras pessoas. (ARAÚJO, 2021)

A Mostra Lona possui três eixos centrais: a exibição, a formação e o debate.

Então é exibir filmes, seja da Mostra Acervo ou seja das outras mostras, o segundo é realização de oficinas e cursos que a gente vai ter daqui um tempo. Mas já tinha muitas oficinas aqui em Minas Gerais ligadas ao cinema, realização de vídeo e a ideia é aproveitar esse acúmulo e reunir sempre que alguém quiser fazer uma oficina, a gente combinar de fazer pela Lona, enfim, a Lona ser agregadora também de proposições ligadas ao cinema. E esse terceiro eixo que seria de debates e

reflexão, que a gente ainda vai lançar uma publicação impressa e digital com textos que estão pensando sobre os filmes, que estão discutindo um pouco desses temas. A ideia é ter podcast também daqui um tempinho e igual teve vários debates também na época da mostra. Então é tem um pouco esses três campos e que ele se interligue e que sejam contínuos, independente de período específicos da mostra, mas sim uma plataforma que exhibe filmes, faz formação com oficina nos territórios e online, vai ser sempre essa estrutura meio híbrida e também que promova reflexão através de textos, discussões, debate. (ARAÚJO, 2021)

No eixo de exibição de filmes, a Lona atua nos territórios exibindo filmes nas ocupações para que os próprios moradores tenham acesso a esse conteúdo sobre eles.

Quando a gente passa um filme lá do comezinho, por exemplo, exhibe essas imagens do começo para os moradores, é muito forte. Ver a história de construção da ocupação daquela comunidade, como foi relembrar um pouco dessa história, dessas imagens. Então acho que mais do que a auto representação como ponto importante, eu acho que cria um laço histórico e lembra de toda a luta que teve para chegar onde chegou. É super interessante e acho que é o que mais mobiliza as pessoas a assistir esses materiais. Por exemplo, o filme de um menino que foi andar de bike, do papagaio verde, que são filmes realizados na Eliana Silva e Paulo Freire, aqueles meninos hoje estão todos adultos, tem alguns que já são pais e mães. E também aquelas casas, a ocupação que a gente vê hoje tá muito diferente, a galera já tá com o segundo andar construído. Então esses filmes registram um pouco da memória dessas ocupações e das pessoas se verem. Esse lugar das pessoas se verem é sempre interessante e sempre mobiliza muito. De ver seu vizinho, seu colega, ver como as coisas mudaram. E também das atuais, quando esses filmes são feitos e exibidos de uma forma mais rápida, eu acho que tem um caráter ainda mais forte, que é de contribuir na luta. Essas ocupações estão sempre em processos de luta e mobilização e estão reivindicando alguma coisa quando já conseguiu se estabelecer e está atrás de água, está fazendo pressão para conseguir asfaltar e esses filmes vem pra somar também nessa luta de ser mais um instrumento de reivindicação, mas um instrumento que se soma a todas as ações que estão sendo desenvolvidas no território e nas manifestações. Os filmes é mais uma coisa que está na luta que pode carregar o filme e mostrar quem realmente eles são. (ARAÚJO, 2021)

2.3.1 Mapeamento da Mostra Lona

A Lona - Mostra Cinemas e Territórios possui um vasto conteúdo de filmes, produzidos ao longo dos últimos anos. Antes de dar início a cartografia proposta nesta pesquisa, foi necessário selecionar os conteúdos que seriam o objeto de estudo e análise. Essa seleção se torna necessária para delimitar os territórios mapeados, visto que seria possível diversos outros pontos de atenção que não foram abordados neste trabalho. Portanto esta cartografia se baseia também em questões subjetivas escolhidas a partir das minhas lentes e leituras. Além disso, é importante destacar que a própria Mostra já se trata de uma seleção realizada a partir de uma curadoria que escolheu os filmes que representam melhor a proposta do MLB.

Dessa forma, a partir de um mapeamento inicial dos conteúdos contemplados na Lona, esta pesquisa selecionou a Mostra Acervo como objeto de estudo dentre as outras iniciativas presentes na plataforma. Esta Mostra consiste na reunião de materiais diversos, produzidos sob uma estrutura audiovisual pensada para cinema, e realizados junto às ocupações do MLB ao longo dos anos, a partir do trabalho do movimento.

Para produzir esse mapeamento inicial, a ser utilizado para examinar os filmes exibidos pela Lona, em sua Mostra Acervo, recorri ao método de análise de conteúdo proposto pela autora francesa Laurence Bardin (2016). Tal método consiste em uma organização dividida em três fases cronológicas: a pré-análise; a exploração do material e, por último, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Nesse sentido, esta pesquisa utilizou tais recursos da análise de conteúdo para elaborar um mapeamento inicial da Mostra Lona. Na pré-análise foi feito um trabalho de observação dentro da plataforma onde está hospedada a Mostra. Essa observação consistiu em identificar quais filmes estavam disponíveis para visualização. Após essa pré-análise, foi iniciada a fase de exploração do material. Essa fase compreendeu a leitura atenta da sinopse e também assistir os filmes. Na etapa de tratamento dos dados, inferência e interpretação foi elaborado um quadro detalhado (Quadro 1, p.35), na qual foram dispostos em lista os dados obtidos na pré-análise e exploração do material, além de outras informações mapeadas como realizadores dos filmes, ano e local de produção. A inferência se deu a partir da indicação de categorias e grupos temáticos para cada filme.

Antes de apresentar o estudo realizado, cabe aqui a explicação sobre o que é compreendido como análise de conteúdo. O interesse em compreender o grande volume de materiais comunicacionais, documentos e pensamentos diversos levou os estudiosos das ciências sociais e humanas a desenvolverem um método que possibilitasse a investigação e interpretação desses dados.

De acordo com a perspectiva da mesma autora, para realizar a análise de conteúdo leva-se em conta duas abordagens, a quantitativa e a qualitativa. Na quantitativa é observada a frequência de determinadas características no conteúdo analisado e, na qualitativa, são consideradas a presença ou ausência de características. A objetividade torna-se uma estratégia secundária de análise, sendo priorizados os processos de inferência ao invés do descritivo. No entanto, no campo das ciências humanas e na investigação dos fatos sociais é necessário questionar as conclusões subjetivas, “recusando ou tentando afastar os perigos da compreensão espontânea” (BARDIN, 2016 p.34).

Para tal imbróglio, a análise de conteúdo se dá enquanto um recurso para lidar com a compreensão das comunicações e tem como objetivo a superação da incerteza e o enriquecimento da leitura. O primeiro objetivo, a superação da incerteza, é a busca da validação das interpretações pessoais por meio das perspectivas de outros autores que pensam da mesma forma. E o segundo objetivo, o enriquecimento da leitura, pode ser entendido como a agregação de conhecimento que pode confirmar ou não a compreensão imediata. Além disso, a análise de conteúdo pode ser aplicada a qualquer forma de comunicação e possui duas funções que podem, ou não, se complementar: a função heurística, que se dá pela exploração do material a fim de encontrar questões, e a função de administração de provas, que por sua vez se dá a partir de questões já formuladas em busca de sua confirmação ou anulação.

Para a autora, a análise de conteúdo é um método empírico de pesquisa e seu resultado depende das mensagens contidas no material, na qual a análise se propõe a interpretar. E as técnicas utilizadas devem ser adaptadas para cada tipo de conteúdo.

A análise de conteúdo é um *conjunto de técnicas de análise das comunicações*. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 2016, P. 37.)

A primeira técnica da análise de conteúdo é a descrição analítica, procedimento que consiste em realizar o tratamento sistemático e objetivo da informação por meio da fragmentação em categorias. De acordo com Bardin (2016, p. 43), a análise categorial é feita a partir da classificação dos elementos “nas diversas gavetas segundo critérios suscetíveis de fazer surgir um sentido capaz de introduzir alguma ordem na confusão inicial”. Os elementos correspondem a índices e a sua classificação é deduzida com base nas informações que esses elementos contêm. A partir desses conceitos da análise de conteúdo, desenvolvi o Quadro 1, elencando as informações básicas dos filmes conforme descrições disponíveis no site da mostra. Todos os títulos dos filmes da Mostra Acervo foram dispostos nesse quadro, que também conta com a descrição sistemática de dados sobre as obras. Algumas obras, por motivos de participação em outras mostras ou inscrição em outras organizações, estão com conteúdo indisponível para visualização na Lona.

Retomando a análise de conteúdo, Bardin identifica o procedimento intermediário da análise de conteúdo como inferência, constituída pela dedução lógica. A inferência é a etapa que antecede a interpretação. Tal técnica é realizada a partir do tratamento das mensagens e

dos índices em evidência, buscando compreender não só a comunicação que está posta em primeiro plano, mas também as significações que estão além, em um segundo plano. Antes de mergulhar nos filmes, foram propostos grupos temáticos, a partir de inferências. Observando o plano macro, essa etapa me mostrou uma visão a partir do que eu considere os principais temas que emergiram dos filmes.

A seguir, apresenta-se o Quadro 1 com o mapeamento inicial da Mostra Acervo, alcançado nesta primeira etapa da pesquisa. Primeiramente, os 19 filmes que a compõem foram identificados, em uma tabela, em relação: ao título, ano de realização, direção, sinopse, local de produção, link de exibição, status quanto à disponibilidade, e, por fim, quanto às categorias objetiva e subjetiva. Em seguida, observou-se, em relação a tais categorias, que sete delas eram proeminentes e que, em alguns casos, se sobrepunham quanto às temáticas tratadas nos filmes: lazer, ocupação do território, movimento social, precarização da infraestrutura, resistência, conflito e comunidade.

Com relação à camada subjetiva, a pré-análise indicou a presença de categorias que se apresentaram em segundo plano. Nesse sentido, se destacaram na filmografia selecionada temas como a presença de mulheres e crianças nas abordagens, bem como a produção de memória das ocupações e do próprio movimento por meio dos filmes. A cartografia proposta nesta pesquisa considerou, portanto, os grupos temáticos infância, mulher e memória e a partir deles foram selecionados os filmes *A Rua é Pública*, *A Última Noite na Ocupação* Valdete Guerra e *Memórias de Izidora*.

Quadro 1: Mapeamento inicial da Mostra Acervo, da LONA

| Mostra Acervo | | | | | | | | | |
|---------------|---|------|------------------|--|---------------------|---|------------|---|--|
| | | | | | | | | Possíveis categorias/ grupos temáticos | |
| | Título | Ano | Direção | Sinopse | Local | Link | Status | Objetivas | Subjetivas |
| 1 | A rua é pública | 2013 | Anderson Lima | Eles tinham a bola, o time e nenhum lugar pra jogar. Sem campo, quadra ou rua, algumas crianças do assentamento Eliana Silva, não acham que disputa de pênaltis seja uma grande aventura, mas isso está prestes a mudar. | Belo Horizonte - MG | http://www.mostra-lona.com.br/acervo/a-rua-e-publica.html | Disponível | Infância | Ludicidade, invisibilidade da infância |
| 2 | A última noite na ocupação Valdete e Guerra | 2017 | Coletivo Nigéria | Cerca de 200 famílias ocuparam um prédio abandonado há 4 anos pelos Correios. Organizadas pelo Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), várias mulheres e crianças acamparam por 15 dias no local com o objetivo de chamar atenção do Poder Público e conquistar o direito à moradia digna. | Fortaleza - CE | http://www.mostra-lona.com.br/acervo/ultima-noite.html | Disponível | ocupação, movimento social | Mulheres na ocupação, crianças |
| 3 | Aniversário e Castigo | 2017 | Anderson Lima | Imaginem que uma festa surpresa está sendo organizada para comemorar o aniversário de um menino que está de castigo! Um plano de fuga talvez seja a solução. Curta produzido na Ocupação Vitória, que faz parte da Izidora, região metropolitana de Belo Horizonte, | Belo Horizonte - MG | http://www.mostra-lona.com.br/acervo/aniversario-e-castigo.html | Disponível | Infância | Ludicidade, ferramentas de lazer |

| Mostra Acervo | | | | | | | | | |
|---------------|-----------------|------|------------------------------|---|---------------------|---|--------------|--------------------|--|
| | | | | como resultado da OPALA. | | | | | |
| 4 | Carolinas | 2017 | Chris Martins e Gisele Bossi | <p>"Carolinas" foi filmado dentro da ocupação habitacional Carolina Maria de Jesus, em Belo Horizonte, em 2017, quando cerca de 200 famílias se estabeleceram em um prédio na região mais nobre da cidade por uma luta comum, o direito à moradia. O filme traz um retrato da força feminina presente ali, onde diferentes gerações de mulheres se encontraram, compartilhando seus saberes, histórias pessoais e visões de mundo, tendo em comum a realidade de luta que fortifica o lugar de fala, ação e atuação das mulheres na sociedade, dentro e fora das ocupações.</p> | Belo Horizonte - MG | http://www.mostralona.com.br/acervo/carolinas.html | Indisponível | Ocupação, luta | Mulheres |
| 5 | Casa com parede | 2019 | Dênia Cruz | <p>Um assentamento urbano em remoção, após um incêndio que destruiu mais de 50% dos barracos. Mulheres, homens e crianças em mudança para tão sonhada moradia. Essa história é revelada de forma lúdica por uma criança de oito anos que viveu com sua mãe numa comunidade entre tábuas e lonas, mas que sonhava morar</p> | - | http://www.mostralona.com.br/acervo/casa-com-parede.html | Indisponível | ocupação, infância | precarização da infraestrutura, ludicidade |

| Mostra Acervo | | | | | | | | | |
|---------------|---|------|---|--|--------------|---|------------|----------------------------|---------|
| | | | | am uma casa com parede. | | | | | |
| 6 | Casa na Mara | 2015 | Thiago Fernandes | <p>O documentário acompanha o MLB (Movimento de Luta nos Bairros vilas e favelas) numa das principais formas de atuação, a OCUPAÇÃO. A história aconteceu em Diadema-SP em 2015. O Filme trata de um questão gravíssima na nossa sociedade, a falta de moradia. Com isso, o movimento MLB mostra como se faz uma ocupação, na paz, com diálogo, organizada e com luta. Além dessa representação simbólica de ocupação, o movimento mostra uma outra forma de sociedade dentro de outra, com cozinha coletiva, construções coletivas, assembleias, atividades artísticas e muita união.</p> | Diadema - SP | http://www.mostralona.com.br/acervo/casa-na-marra.html | Disponível | ocupação, movimento social | memória |
| 7 | Conte isso áqueles que dizem que fomos derrotados | 2018 | Aiano Mineiro, Camila Bastos, Cris Araujo e Pedro Maia de Brito | Na madrugada, luzes apontam um caminho. | MG | http://www.mostralona.com.br/acervo/contе-iss.html | Disponível | ocupação do território | memória |

| Mostra Acervo | | | | | | | | | |
|---------------|--|------|---|---|---------------------|---|------------|--------------------|------------------------------|
| 8 | Izidora: Dias de Luta, Noites de Resistência | 2020 | Edinho Veira, Raquel Rodrigues e Sthefany de Paula | Os olhares individuais dos moradores das ocupações da Izidora, narram de forma coletiva os fatos históricos do maior conflito fundiário da América Latina, com mais de 30 mil pessoas e 8 mil famílias. Realizado por três jovens moradores de ocupações urbanas, o filme "Izidora: dias de luta, noites de resistência" é fruto de oficinas realizadas pelo projeto Ocupa Mídia em parceria com o MLB (Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas) | Belo Horizonte - MG | http://www.mostralonacom.br/acervo/izidora-dias-de-luta.html | Disponível | Conflito, ocupação | memória, Izidora |
| 9 | Izidora: junto e misturado | 2015 | Dayanne Nessa, Edelço Vicente, Rodrigo de Freitas, Viguxo | A ocupação Rosa Leão, a ocupação Vitória e ocupação Esperança, compõem o conjunto de ocupações da região da Mata do Izidoro, no vetor norte de Belo Horizonte/MG. As três ocupações somam 8 mil famílias, cerca de 30 mil pessoas – a maior ocupação urbana da América Latina, considerada um dos sete conflitos de terras mais graves do mundo. | Belo Horizonte - MG | http://www.mostralonacom.br/acervo/izidora-2.html | Disponível | ocupação | conflito urbano, resistência |

| Mostra Acervo | | | | | | | | | |
|---------------|---|------|------------------|--|-------------------|---|--------------|------------------------|---|
| 10 | Lanceiros Negros Estão Vivos - Uma Ocupação por Moradia e Liberdade | 2016 | Coletivo Catarse | <p>Madrugada de 23 para 24 de maio de 2016, no Centro de Porto Alegre. Policiais bloqueiam todas as ruas que dão acesso à Ocupação Lanceiros Negros, para cumprir uma controversa reintegração de posse solicitada pelo Governo do RS. Na rua, apoiadores se mobilizam contra a ação de despejo. Dentro do prédio, lanceiros negros estão determinados a resistir, enquanto um coletivo de advogados tenta suspender a reintegração na Justiça. O documentário reconstitui, através de depoimentos e imagens, o que aconteceu naquela noite que culminou ao amanhecer com uma vitória temporária, porém histórica de famílias que lutam por direito à moradia e liberdade.</p> | Porto Alegre - RS | http://www.mostralonacom.br/acervo/lanceiros.html | Disponível | Conflito | Resistência, memória |
| 11 | Leninrado, Linha 41 | 2016 | Dênia Cruz | <p>Na madrugada da sexta-feira santa de 2004 inicia-se uma ocupação. Cerca de 120 famílias armam seus barracos e começam a luta pelo direito à moradia. Surge o assentamento Leningrado em Natal, uma alusão a cidade soviética sitiada em 1941 durante a segunda guerra</p> | Natal - RN | http://www.mostralonacom.br/acervo/leninrado.html | Indisponível | construção da ocupação | memória, direitos humanos, precarização de infraestrutura |

| Mostra Acervo | | | | | | | | | |
|---------------|---|-------------|--|---|---------------------|---|------------|-----------------------|-----------------------------------|
| | | | | mundial. Ambos lugares de resistência e dignidade. Após anos de existência Leningrado ainda não tem serviços básicos como escola, saúde, segurança e lazer. Sua única ligação com a cidade é a linha 41, que precisa ser ampliada. Leningrado, linha 41 uma história de luta por direitos humanos. | | | | | |
| 12 | Memórias de Izidora | 2016 / 2020 | Vilma da Silveira, João Victor Silveira de Paula, Kadu de Freitas, Edinho Vieira e Douglas Resende | No cotidiano de uma ocupação urbana espontânea autoconstruída na Região Metropolitana de Belo Horizonte e conhecida como Izidora, subsiste uma comunidade de cinema formada por uma pluralidade de sujeitos que filmam a vida política e cotidiana daquele território, salvaguardando a sua memória coletiva. Este filme é uma montagem dessa memória audiovisual na perspectiva de quatro personagens cineastas. | Belo Horizonte - MG | http://www.mostralonacom.br/acervo/memorias-de-izidora.html | Disponível | comunidade, cotidiano | memória coletiva, cinema, Izidora |
| 13 | Menino mitou na bike sem freio e foi brincar de | 2017 | Anderson Lima | Esse curta-metragem é resultado da oficina “Pintando o Set”, realizada na Ocupação Vitória, em Belo Horizonte, como parte integrante da programação do VII CineCipó - Festival de Cinema Insurgente. | Belo Horizonte - MG | http://www.mostralonacom.br/acervo/menino-mitou.html | Disponível | Infância | Ludicidade |

| Mostra Acervo | | | | | | | | | |
|---------------|--|------|--|---|---------------------------|---|------------|-----------------------------------|---------------------------------|
| | casinh a | | | | | | | | |
| 14 | Na Missã o, com Kadu | 2016 | Aiano Bemfica , Kadu Freitas, Pedro Maia de Brito | No maior conflito fundiário urbano da América Latina, companheiras e companheiros da região ocupada da Izidora marcham pela moradia digna. Kadu traz de volta em sua câmera registros da marcha do dia 19/6/15. À beira do fogo ele relembra o dia, a luta e o sonho. | Belo Horizonte - MG | http://www.mostralonacom.br/acervo/na-missa-o.html | Disponível | moviment o social, conflito | memória coletiva, Izidora |
| 15 | Ocupa r, resisti r e constr uir | 2016 | Dayanne Naessa, Edinho Vieira, Juliano Vital, Roberta Von Randow | Ocupar, construir e resistir é o lema das ocupações urbanas de Paulo Freire e Izidora, que reúne o maior conflito fundiário do Brasil, localizadas na Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG). Neste universo de luta e manifestações pela moradia própria e ocupação da cidade, descortina-se o cotidiano de seus moradores na construção da casa, no trato com a horta e nas brincadeiras de crianças e jovens. | Belo Horizonte - MG | http://www.mostralonacom.br/acervo/ocupar-resistir-construir.html | Disponível | Moviment o social, ocupação | cotidiano, resistência |
| 16 | Palmil ha | 2018 | Anderso n Lima | - | - | http://www.mostralonacom.br/acervo/palmilha.html | Disponível | Infância | Lazer |

| Mostra Acervo | | | | | | | | | |
|---------------|---|------|--------------------------------|--|---------------------|---|------------|------------------|-------------------------|
| 17 | Quem luta, conquista! - MLB 20 anos | 2020 | coletivo de comunicação do MLB | Foram duas décadas intensas de trabalho de base na periferia e de luta pelo direito humano de morar dignamente, que tornaram o MLB um dos mais importantes movimentos sociais do Brasil. Por meio de entrevistas e imagens de arquivo, "Quem Luta, Conquista! Uma história dos 20 anos MLB" compartilha com todos e todas um pouco dessa história. | - | http://www.mostralonacom.br/acervo/quem-luta.html | Disponível | Movimento social | memória MLB |
| 18 | Você faria isso por um papagaio? - Papagaio Verde | 2017 | Anderson Lima | Existem momentos em que a liberdade do papagaio é vista de múltiplas formas. Curta produzido na Ocupação Izidora, região metropolitana de Belo Horizonte, como resultado da OPALA - Oficina de Produção e Alfabetização Audiovisual. A atividade foi parte integrante da programação do Festival Cine Cipó de 2017. | Belo Horizonte - MG | http://www.mostralonacom.br/acervo/voce-faria.html | Disponível | infância | ficção, Izidora, Lazer |
| 19 | Zaga de bonecas | 2014 | Anderson Lima | Meninas e bonecas? É assim que um grupo de garotas se apresenta pra pelada. Depois de serem expulsas da rua, elas retornam pro campinho improvisado e ocupam a pequena área. | - | http://www.mostralonacom.br/acervo/zaga-de-bonecas.html | Disponível | Infância | Meninas, futebol, lazer |

Fonte: Elaboração própria

3. MOVIMENTOS E CARTOGRAFIAS

3.1 Movimento audiovisual: o cinema como registro das lutas

Antes de concretizar a sua mostra de cinema, o MLB percorreu alguns caminhos de estruturação, inclusive a articulação de sua rede de comunicação própria. Tal ação se torna necessária para criar a possibilidade de mobilizar indivíduos e promover sua visibilidade diante das frentes de atuação do movimento. Desse modo, é possível dizer que a proposta comunicacional do MLB parte de uma posição contra-hegemônica, autônoma e com características de uma comunicação popular ou comunitária, tendo em vista que essa forma de comunicação é “gestada no interior da organização dos movimentos sociais populares” (PERUZZO, 2004, p.21).

O surgimento de mecanismos de comunicação alternativos cresce ao passo que os grandes meios de comunicação se desenvolvem. De acordo com Peruzzo (2004), com o declínio do regime militar brasileiro, esses mecanismos alternativos se fortaleceram e contribuíram para a construção da cidadania naquele contexto de insatisfação social-político-econômica na qual a sociedade se encontrava mas a imprensa convencional não se manifestava.

Mazetti (2018) destaca a necessidade de diferenciar a comunicação alternativa da comunicação popular. Os termos frequentemente são utilizados como sinônimos para expressar a crítica ao modelo de comunicação contra-hegemônica. “Uma das primeiras tentativas de compreender as manifestações comunicacionais críticas atreladas aos movimentos sociais em uma perspectiva histórico-conjuntural pode ser observada em Festa (1986). No trabalho da autora, encontra-se uma diferenciação entre comunicação alternativa e popular por um viés de classe. A comunicação alternativa seria aquela oriunda do nível médio da sociedade civil, enquanto a comunicação popular partiria das bases sociais” (MAZETTI, 2018, p.82).

Embora as práticas comunicacionais tenham migrado para o território da internet, elas não deixaram de acontecer pelas vias tradicionais como os materiais impressos, as transmissões por meio do rádio e da televisão. “A adição do uso da Internet ao arsenal de ferramentas da militância comunicacional não constitui, assim, uma simples mudança de

infraestrutura técnica e midiática para essas mobilizações, mas possibilita que alguns de seus atores redefinam suas formas de luta” (MAZETTI, 2018, p.86 e 87).

De acordo com Foletto (2018), a partir do acesso a computadores e a rede, as pessoas começam a se informar por meio da internet a partir de diversas mídias de vários lugares do mundo, e nesse contexto é introduzido o conceito de midiativismo, que pode ser entendido como

aquele em que pessoas – ou grupos, organizados em rede – criam seus próprios relatos de acontecimentos, normalmente de interesse público como protestos, manifestações e reuniões coletivas, e assim disputam uma “guerra de narrativas” com os veículos de referência. (FOLETTTO, 2018, p.97)

Atualmente, os meios de comunicação populares e alternativos ganham força por meio da internet, espaço que encontram para exercerem a liberdade de expressão. Mas é necessário fazer um questionamento, por mais que esse seja um espaço considerado mais aberto, ele ainda não é totalmente livre de interferências das companhias de tecnologias, por exemplo. As chamadas *big techs* - *Meta, Google, Amazon, Apple*, etc. - são empresas que monopolizam a fala por meio de algoritmos, o que pode incidir sobre a autonomia dos meios de comunicação alternativos. No entanto, esses meios alternativos se apropriam das tecnologias digitais e do espaço da cibercultura, em uma tentativa de conquistar seu protagonismo por meio de caminhos autônomos. E embora a comunicação autônoma seja possível nesse espaço digital, ela não deixa de acontecer no espaço físico, visto que nesse local é onde a atuação dos movimentos acontecem.

(...) há um processo de inclusão individual e comunitária no universo da internet que não dispensa a continuidade das lutas presenciais em suas diversas formas de organização, sejam elas lutas por direitos sociais, comunicativo-culturais ou políticos de cidadania. (PERUZZO, 2011)

Castells (2013, p.13), afirma que nesse novo espaço público que se articula em rede, situado entre o espaço digital e urbano, é onde se dá a comunicação autônoma. Os movimentos sociais, que atuam contra diversas formas de dominação social, utilizam a internet e as tecnologias para potencializar suas ações. O autor ainda vai dizer que “a autonomia da comunicação é a essência dos movimentos sociais, ao permitir que o movimento se forme e possibilitar que ele se relacione com a sociedade em geral, para além do controle dos detentores do poder sobre o poder da comunicação”. (CASTELLS, 2013, p.13)

A atividade midiática dos veículos abertos e tradicionais do Brasil, comandada por grandes empresas por meio de concessões públicas, se estabelece operando em favor do capitalismo. Embora seja um bem público, essas concessões beneficiam, majoritariamente, o setor privado, sendo atribuídas características patrimonialistas a essas ações. Muniz Sodré (2018, p.22) destaca que “a legitimidade social dessa forma de poder está assentada no “tradicionalismo” (...), que incorpora os mecanismos de produção do capitalismo sem se abrir para as formas modernas de propriedade.”

De acordo com Mazetti (2018), no início da década de 1990, tanto as iniciativas populares quanto as alternativas sofreram uma crise por diversos fatores, em parte pelo fato de que a mídia comercial passou a abordar algumas demandas populares, que levaram ao enfraquecimento desses sistemas de comunicação. Com a popularização da internet no século XXI, o midiativismo ganha destaque. Mazetti pontua que as

[...] reconfigurações sociais e políticas que culminariam nos protestos conhecidos como Movimento de Ação Global dos Povos na virada para o século XXI, a popularização da Internet e a renovação do pensamento político por meio da incorporação de premissas pós-estruturalistas serviram de forças fundamentais para a emergência do midiativismo, um dos vários termos utilizados para descrever as manifestações críticas de mídia que surgiram entre a década de 1990 e os anos 2000, rompendo com alguns dos modelos da comunicação alternativa, popular e comunitária e, ao mesmo tempo, os renovando. (MAZETTI, 2018, p.86).

Muito tem se falado sobre a democratização da mídia nos tempos atuais, mas, ainda assim, há pouca participação da sociedade nesse debate. Dentro desse cenário, ganham destaque as mídias independentes e canais pouco convencionais e a atuação de ativistas, transmitida por meio de smartphones e tecnologias digitais, que têm conquistado espaço na agenda midiática, empreendendo suas lutas e utilizando mecanismos de comunicação. O midiativismo, além da junção dos termos mídia e ativismo, pode ser entendido como o ativismo por meio da mídia. Braighi e Câmara (2018, p.27) caracterizam essa vertente como “[...] a teoria do ativismo que utiliza a mídia e as tecnologias de comunicação para os movimentos sociais e políticos”.

Utilizando equipamentos midiáticos, o midiativismo visa alcançar o objetivo de suas lutas por meio de dois formatos: o midialivrismo de massa e o midialivrismo ciberativista. Conforme destacado por Almeida e Paiva (2014, p.51), à luz de Malini e Auton (2013), o midialivrismo de massa “reúne experiências de movimentos sociais que produzem mídias comunitárias e populares antagônicas aos conglomerados”. Já o midialivrismo ciberativista é

desenvolvido “no campo dos dispositivos digitais, tecnologias e processos colaborativos de comunicação em rede”.

Braighi e Câmara (2018) afirmam que o midiativismo se dá na intersecção entre o registro midiático simples e o ativismo puro. Quanto mais simultâneas as duas frentes estiverem acontecendo, mais caráter de midiativismo ganhará. Desse ponto de vista, é possível encontrar semelhanças entre as ações de comunicação do MLB e o midiativismo. Eles utilizam os mecanismos tecnológicos, tais como o uso de smartphones com acesso à internet móvel, a fim de realizar as filmagens e posteriormente a publicação em redes sociais para comunicar as ações do movimento social, das lutas por direito à moradia, bem como a formação de ocupações urbanas, conflitos e violência policial enfrentados durante as ações de despejo, entre outros. É interessante pensar que além de dar visibilidade a tais ações, a mídia proposta pelo MLB pode ser uma ferramenta para agendar a imprensa hegemônica por meio da pressão popular.

São, pois, formas combativas e multidimensionais de apropriação do espaço público, seja ele virtual ou físico: indivíduos indignados com uma situação se unem a outros, planejam ações, discutem ideias e, além disso, relatam os eventos em formato textual, em vídeo, áudio ou imagem. trata-se de uma redefinição não só na maneira de organizar manifestações, mas de discutir política, questionar o *status quo* e produzir informações, fazer mídias. (ALMEIDA e PAIVA, 2014, p.50)

No caso do MLB, é possível identificar a atuação de militantes que compõem o movimento por meio de alguns exemplos de publicações realizadas em sua página na plataforma *Instagram*, conforme ilustrado na figura 1. A dimensão do ativismo pode ser observada a partir de alguns aspectos: em primeiro lugar, observa-se uma movimentação para mobilizar outras pessoas a engajarem a ação, para que, por meio de pressão popular, consigam alcançar o objetivo de suas lutas. Em outro plano, a publicação é uma forma de denunciar os despejos e remoções forçadas contra os moradores de ocupação durante o período de pandemia.

Portanto, além do registro midiático proposto na publicação, o movimento ainda mobiliza e promove uma mudança social a partir da divulgação. Desse modo, os sujeitos, ora silenciados pela mídia tradicional, ganham espaço para expor suas pautas.

Figura 1 – Captura de tela referente à publicação no Instagram do MLB.



Fonte: Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Ca2W25LIFn8/>>. Acesso em: 09 de junho de 2022.

Portanto, é possível considerar que o MLB utiliza algumas ferramentas de midiativismo para produzir seu próprio discurso e sua autocomunicação a partir de táticas audiovisuais. Mas, para além das publicações que dão conta do factual, das informações mais urgentes, no sentido do registro no ato do acontecimento a fim de noticiar suas ações, o MLB avança para a realização de produtos audiovisuais mais elaborados. Partindo do factual para uma produção mais elaborada e profissionalizada, mas que carrega em si a urgência para abordar os enfrentamentos no contexto das ocupações urbanas.

O estudo da comunicação popular redefiniu os marcos de problemática da comunicação. Durante muito tempo, falar de comunicação significou falar de meios, canais, mensagens. Agora falar de comunicação popular implica falar de cultura, de relação. E necessita, para tanto, da interdisciplinaridade em seu sentido mais profundo. Trazer a comunicação popular para o espaço da cultura fez introduzir a dimensão do conflito [...] histórico do qual o popular se define enquanto movimento de resistência [...]. (BERGER, 1989 apud PERUZZO, 2004, p. 113).

Quando o MLB cria sua mostra de cinema, a Lona, ele reúne uma série de produções audiovisuais realizadas ao longo do tempo dentro dos territórios ocupados por meio do

movimento. No entanto, nas obras que compõem a Mostra Acervo, objeto desta pesquisa, há filmes que foram produzidos pelos próprios militantes do MLB, mas também por meio de parcerias, alianças com documentaristas, coletivos, cineastas e realizadores.

Nesta aliança entre as lutas do MLB e o cinema, realizamos e assistimos diversos filmes sendo produzidos junto às ocupações e as lutas travadas pelo movimento em todo o Brasil. A Acervo é a nossa primeira oportunidade de colocar em diálogo essas produções em um mesmo lugar. A proposta é retomar nossas referências nas lutas, destacar a força da organização do povo e conhecer as ocupações que tanto resistiram e lutaram para conquistar suas moradias. (MLB, 2020).

A mostra Lona, embora seja realizada e coordenada pelo MLB, a partir da criação de um grupo de trabalho para discutir o cinema, segue seu percurso como uma extensão do movimento por meio de caminhos autônomos. Considerando que a partir do momento em que a Lona, enquanto uma plataforma online de conteúdo audiovisual, ocupa o seu lugar no ciberespaço, ela se torna uma referência cultural, histórica e social no que tange a luta por moradia. Desse modo, tanto a bandeira do MLB e as pautas que o movimento defende estão intrincadas às tramas representadas nos filmes, quanto o debate acerca da luta por moradia e reforma urbana ocupa esse lugar do audiovisual e do cinema.

Já que ocupar é um direito, nesse contexto da realização de filmes é importante colocar essa produção na roda ao lado de tantas outras. Na internet há disponibilidade de mil plataformas, duzentos milhões de vídeos no YouTube, mas estar lá, exibindo e preparando um projeto, uma plataforma que seja para que as pessoas procurem esses filmes que tematizam sobre a luta por moradia e a reforma urbana, eu acredito que é uma forma de ocuparmos esse espaço, que é um espaço em que as pessoas irão assistir, ler e debater as questões. (ARAÚJO, 2021)

À luz de Severien (2018), esta pesquisa aciona o conceito de cinema de ocupação a fim de estabelecer reflexões sobre aspectos da mostra Lona que se assemelham com esta forma de realização cinematográfica. De acordo com a perspectiva do autor, ao conceituar o cinema de ocupação, ele propõe “operar com os possíveis e as potências dos filmes enquanto gestos de uma militância que procura uma intervenção não só no espaço da cidade, mas em seu imaginário”. (SEVERIEN, 2018, p.18)

Assim como destacado pelo autor acima, as produções da Mostra Lona exploram em suas narrativas gestos de militância ao defenderem suas pautas. Os filmes são contemplados com cenas exibindo a ação dos militantes do MLB, bem como os moradores das ocupações

em muitos casos em situações de manifestação ou pressão popular em busca da reforma urbana.

Os modos de produção, os agenciamentos coletivos e as abordagens estético-narrativas têm muito a nos dizer sobre maneiras singulares de abordar o campo do político no cinema, ou o cinema militante contemporâneo, assim como o cinema no político. Tentarei sustentar que a experimentação dessa produção audiovisual militante pode ser vista tanto na perspectiva de um fenômeno social e político quanto artístico-criativo, o que historicamente não é a regra ao se abordar esse viés de produção. Não é sem um certo preconceito que o cinema militante é, em geral, mantido à margem dos estudos sobre a história do cinema, assim como nos campos da estética e da comunicação. (SEVERIEN, 2018, p.19)

O cinema militante apresenta nuances - complexidades e contradições - para tratar do encontro da memória com o real e o virtual. Severien também aponta para a existência de outras variações como o cinema de urgência, cinema de intervenção social, vídeo popular, documentário radical, cinema digital, videoativismo, sendo que todos eles carregam especificidades de um olhar analítico sobre objetos e contextos históricos. O autor define o termo cinema de ocupação para falar de

[...] filmes em seus contextos de visibilidade nas redes digitais e nos espaços de projeção presenciais que não se limitam às salas de cinema, em planos virtuais e materiais, integra circuitos de difusão, apreciação, reação, adesão, crítica, combate e mobilização. Assim, proponho a noção de cinema de ocupação por sua força participativa — a de um espaço comum instaurado pela presença dos corpos — e narrativa — cinema com os pés no chão para produzir mundos. (SEVERIEN, 2018, p.25)

Essas formas de produção audiovisual com inclinações políticas, engajadas e militantes são consideradas nesta pesquisa, assim como na perspectiva dos realizadores dos filmes da Mostra Lona, enquanto cinema, de fato. Embora exista no imaginário popular a ideia de que esta forma de produção carregue apenas o caráter de transformação e intervenção social e não como cinema, é interessante pensar que ele também possa ocupar esse território. Dessa forma, também é possível pensar o corpo como potência para ocupar o espaço físico e urbano e o cinema como potência para ocupar o espaço cultural e midiático.

3.2 Cartografias: o movimento analítico cartográfico

Como mencionado anteriormente nesta pesquisa, este trabalho propõe uma cartografia da mostra Lona. Isto é, um mapa do processo de transformação do movimento social - MLB - em expressão audiovisual - Lona. Para que esse mapa seja traçado, interessa à pesquisa o que as obras audiovisuais revelam do caminho entre o movimento social e a tela.

Além do mapeamento inicial, elaborado com recursos da análise de conteúdo, esta pesquisa utiliza a cartografia para compor seu método de análise e discussão. Cartografar a Mostra Lona, em especial a Mostra Acervo, permite mapear as ações apresentadas nos filmes, bem como a observação da tessitura dos acontecimentos e das relações estabelecidas. A pesquisadora Nísia Martins do Rosário (2016) estuda a cartografia a partir dos autores Deleuze e Guattari e aponta que, na construção da cartografia, o mapeamento pode se dar a partir do conceito de rizoma - que pode ser entendido como um sistema em que não há uma raiz única e sim ramificações a partir de diferentes pontos.

Nísia também traz contribuições dos autores Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2010), que entendem a cartografia como um método processual, devendo ser praticada para ser compreendida. A autora ainda apresenta um caminho de desterritorialização para se chegar ao método cartográfico: 1) o pesquisador parte de um planejamento que terá indicativos dos passos a seguir; 2) observação e registro de dados; 3) organização dos dados a partir das repetições encontradas no objeto de pesquisa; 4) interpretação dos dados.

Do mesmo modo, os pesquisadores Kleber Prado Filho e Marcela Montalvão Teti (2013), exploram a cartografia social a partir da leitura de autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Suely Rolnik, entre outros. Segundo os autores, para pensar a cartografia social é necessário lembrar a prática cartográfica tradicional, que pode ser considerada como a representação gráfica da realidade, por meio de mapas e diagramas. A partir disso, a cartografia social oferece uma dimensão das relações sociais e linhas de força observadas na sociedade.

[...] a cartografia social aqui descrita liga-se aos campos de conhecimento das ciências sociais e humanas e, mais que mapeamento físico, trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade. (TETI e PRADO FILHO, 2013, p.47)

Essa perspectiva foi importante para compreender como a ação coletiva é percebida nos filmes, por meio do MLB e seus sujeitos, seu posicionamento perante as lutas que defende e suas mobilizações, a partir da mostra de cinema. A partir das obras exibidas na mostra Lona, coube a esta pesquisa coletar dados que serviram de base para a análise cartográfica. A cartografia social, assim como descrita anteriormente, leva em conta uma perspectiva qualitativa, diferente da cartografia geográfica que é caracterizada por uma

estrutura quantitativa. Ou seja, compreender os processos e não a totalidade do objeto pesquisado.

Para Barros e Kastrup (2009), a aposta da cartografia, enquanto método de pesquisa, é o acompanhamento dos processos e produção de subjetividades, a medida que o cartógrafo mergulha no território. Para avançar no mergulho, é essencial se colocar em movimento de descoberta do campo de pesquisa.

Diferente do método da ciência moderna, a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso, num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças. (KASTRUP E BARROS, 2009, p.57)

Nesse sentido, iniciaremos a partir deste capítulo a discussão de elementos teóricos acerca das expressões comunicacionais e audiovisuais do MLB para, posteriormente, fazer emergir o mapa no qual esta pesquisa se propõe. Portanto, nos interessa aqui, como o cinema pode ser construído enquanto uma ferramenta para registro de lutas. E não se trata de qualquer cinema, mas sim da produção audiovisual dentro do contexto de um movimento social.

3.2.1. A rua é pública

A partir do mapeamento das 18 obras que compõem a mostra Lona, esta pesquisa realizou uma pré-seleção de filmes, a fim de delimitar os grupos temáticos que emergiram nesta cartografia. No mapeamento inicial (vide Quadro I, na página 35), os filmes foram listados em uma tabela com a descrição do ano e local de produção, realizadores, sinopse e palavras-chave que indicassem grupos temáticos e o que mais chamasse atenção para esta pesquisa, a partir de inferências.

Tais grupos temáticos foram indicados neste mapeamento não apenas de maneira egóica e subjetiva, mas também a partir de referências conceituais acerca da questão urbana e a observação dos filmes. Esta cartografia visa a identificação e registro dos processos observados, a fim de elaborar o mapa subjetivo das questões propostas pelos filmes.

A escolha dos filmes pode ser explicada, ainda, a partir da técnica de pouso, conforme destacado por Kastrup (2009). Segundo a autora, a atenção cartográfica “ao mesmo tempo flutuante, concentrada e aberta - é habitualmente inibida pela preponderância da atenção seletiva. O problema do aprendizado da atenção do cartógrafo é também um caso de criação do que já estava lá”. A autora ainda vai dizer que dentro desse movimento cartográfico, o pouso da atenção “não deve ser entendido como uma parada do movimento, mas como uma parada no movimento. Voos e pousos conferem um ritmo ao pensamento, e a atenção desempenha aí um papel essencial.” (KASTRUP, 2009, p.34 e 35).

A entrada do aprendiz de cartógrafo no campo da pesquisa coloca imediatamente a questão de onde pousar sua atenção. Em geral ele se pergunta como selecionar o elemento ao qual prestar atenção, dentre aqueles múltiplos e variados que lhe atingem os sentidos e o pensamento. A pergunta, que diz respeito ao momento que precede a seleção, seria melhor formulada se evidenciasse o problema da própria configuração do território de observação, já que, conforme apontou M. Merleau-Ponty (1945/1999), a atenção não seleciona elementos num campo perceptivo dado, mas configura o próprio campo perceptivo. Uma outra questão diz respeito a como prossegue o funcionamento atencional após o ato seletivo. As duas perguntas - que incidem sobre o antes e o depois da seleção - indicam a complexidade e a densidade da chamada "coleta de dados", sublinhando a dimensão temporal da atenção do cartógrafo, a produção dos dados da pesquisa e o alcance de uma pesquisa construtivista. (KASTRUP, 2009, p.35)

Desse modo, em um primeiro recorte de análise foram escolhidos os seguintes grupos temáticos: mulheres nas ocupações; infância e ludicidade; resistência; e memória. Esses temas foram delimitados considerando as palavras-chave mais presentes no mapeamento inicial, mas também considerando a perspectiva e as lentes de quem realiza esta pesquisa.

É importante ressaltar que a escolha dos temas não leva em conta as instâncias mais ou menos importantes das questões abordadas nos filmes. Há temas abordados que são de extrema relevância social mas que não serão o foco direto desta pesquisa, tais como violência policial e conflitos urbanos. No entanto, essas temáticas estão diretamente ligadas à luta por moradia e ocupações e, por isso, poderão ser levantadas ao longo das discussões. A abordagem da resistência não ganhará um tópico específico para exploração do grupo temático, visto que todos os temas e filmes que compõem a mostra partem de um lugar de resistência e, por isso, também será um ponto levantado ao longo da discussão.

Após a escolha dos grupos temáticos, foi necessária a escolha de filmes que seriam imprescindíveis para a compreensão do propósito da pesquisa, isto é, a compreensão do percurso e das narrativas, identificando e mapeando os fragmentos e características do

movimento social - MLB - presente nos filmes. Logo, a partir do mapeamento inicial, foi pensado um filme de cada grupo temático, em que fossem identificadas as temáticas centrais da produção, que representam as ideias que esta pesquisa quer desenvolver. A cartografia terá como base essas temáticas propostas por meio dos filmes, como linhas de força e de fuga, que se apresentaram como potências para abordagem das problemáticas acerca da questão da luta por moradia. Para entender o percurso desse mapa, esta pesquisa faz algumas perguntas: Quais são as narrativas que estão se apresentando na mostra? Que luta é essa que está aparecendo?

O primeiro grupo temático abordado foi infância e ludicidade. Esta categoria se faz importante para esta pesquisa visto que, dos 18 filmes contemplados na Mostra, há 6 com este tipo de abordagem. Além disso, na perspectiva cartográfica, é possível identificar tal abordagem como uma linha de fuga visto que esse é um tema que rompe com a natureza dura de outros temas abordados.

Segundo Deleuze e Guattari, somos formados por três tipos de linhas: (a) dura, (b) maleável e (c) de fuga. As linhas duras nos compõem através do estabelecimento de dualidades sociais, que nos estratificam, no sentido forte do termo. São as grandes divisões na sociedade: rico ou pobre, trabalhador ou vagabundo, normal ou patológico, homem ou mulher, culto ou inculto, branco ou negro, etc. As linhas maleáveis possibilitam variações, ocasionando desestratificações relativas. E as de fuga representam desestratificações absolutas, no sentido em que rompem totalmente com os limites das estratificações estabelecidas. (CASSIANO E FURLAN, 2013, p.1)

Esses filmes ainda são atravessados por outras semelhanças. Todos eles foram produzidos em ocupações dentro do Estado de Minas Gerais, mais precisamente no município de Belo Horizonte e também foram realizados pelo mesmo diretor, o cineasta paulista Anderson Lima. Dos 6 filmes, 3 ocorrem no território da Ocupação Eliana Silva, na região do Barreiro.

QUADRO 2 - Filmes do grupo temático 'Infância e ludicidade'

| Filmes do grupo temático 'Infância e ludicidade' | | |
|--|---|-----------------------|
| | Obra | Território |
| 1 | A rua é pública | Ocupação Eliana Silva |
| 2 | Aniversário e castigo | Ocupação Vitória |
| 3 | Menino mitou na bike sem freio e foi brincar de casinha | Ocupação Vitória |
| 4 | Palmilha | Ocupação Eliana Silva |
| 5 | Você faria isso por um papagaio? - Papagaio verde | Ocupação Izidora |
| 6 | Zaga de bonecas | Ocupação Eliana Silva |

Fonte: Elaboração própria

A obra selecionada para esta análise dentro do grupo temático infância e ludicidade foi o filme “A rua é pública”, uma produção realizada no ano de 2013, na ocupação Eliana Silva. Antes de avançar a discussão, é preciso entender o contexto da ocupação Eliana Silva. Localizada na região do Barreiro, em Belo Horizonte - MG, tal ocupação está em uma área em que se encontram quatro grupos de moradias irregulares, organizadas desde 2008.

De acordo com Ferreira e Jayme (2019), 150 famílias ocuparam um terreno público que ficou conhecido como Eliana Silva I, em 2012. Alguns dias depois da ocupação, as famílias foram despejadas com a justificativa de estarem em uma área de preservação ambiental. Uma nova tentativa foi realizada três meses depois em um novo terreno, dessa vez particular, com 250 famílias. O assentamento se constituiu como a ocupação Eliana Silva II.

Ainda segundo os autores, o nome da ocupação Eliana Silva, é uma homenagem a uma falecida militante do MLB de mesmo nome. Ela foi uma das líderes da ocupação Corumbiara, localizada na mesma região.

Reportagem publicada no portal G1 no dia 9 de abril de 2020, escrita pela jornalista Valeska Amorim (AMORIM, 2020), destacou que a ocupação abriga 3 mil famílias. Na ocasião, essas famílias estavam sem fornecimento de água no local e os moradores estavam denunciando o descaso das autoridades com as periferias, que inclusive estavam sendo bastante afetadas devido a pandemia de Coronavírus, visto que sem água a higienização contra o vírus fica impossibilitada.

O filme “A rua é pública” foi realizado pelo cineasta paulista Anderson Lima. Diferente de outros filmes presentes na Lona, essa categoria se distancia de documentários canônicos e parte para uma produção mais ficcionalizada, em que os atores sociais atuam na cena.

João Moreira Salles (2005) destacou que documentários são contratos entre realizadores e espectadores, concordando que os personagens da obra de fato existiram. No entanto, o que está por trás das telas podem revelar que houve acordos também entre realizadores e personagens, a fim de que a narrativa seja bem contada. As definições canônicas de documentário dão ênfase na objetividade da obra, em que os filmes atuam como um “espelho voltado para o mundo”. Acontece que essa definição não é uma verdade absoluta e não é amplamente defendida.

[...] podemos dizer que todo documentário encerra duas naturezas distintas. De um lado, é o registro de algo que aconteceu no mundo; de outro lado, é narrativa, uma retórica construída a partir do que foi registrado. Nenhum filme se contenta em ser apenas registro. Possui também a ambição de ser uma história bem contada. A camada retórica que se sobrepõe ao material bruto, esse modo de contar o material, essa oscilação entre documento e representação constituem o verdadeiro problema do documentário. Nossa identidade está intimamente ligada ao convívio difícil dessas duas naturezas. (SALLES, 2005, p.64)

Nesse sentido, é possível concordar que o gênero de tais obras da mostra Lona podem ser lidos como documentários, ainda que apresentem tendência à ficção. As fronteiras que separam documentário e ficção não são bem delimitadas, por isso Salles afirma que todo documentário encerra duas fronteiras distintas.

“A rua é pública” é um filme curto, com duração de 9 minutos, que narra a trama de um garoto, morador da ocupação Eliana Silva, que junto de seus amigos saem em busca de um espaço para jogarem futebol. Os garotos tentam acessar, sem sucesso, vários lugares para iniciarem a brincadeira e são impedidos por adultos, também moradores da ocupação, de permanecerem nos espaços com a justificativa de que aquele não é o lugar ideal para eles ‘jogarem bola’. A frustração das crianças com a falta de locais para brincarem dá lugar a entusiasmo quando tratores abrem as ruas da ocupação. A rua de terra vermelha se torna o campo improvisado dos garotos, e ali eles passam a brincar.

Figura 2 – Fotograma do filme A rua é pública - aos 2 minutos e 35 segundos.



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A7OyxBN3nm0&t=481s>>. Acesso em: 09 de junho de 2022.

Outro ponto de atenção desta cartografia é o acesso a equipamentos públicos de lazer, ou neste caso, a falta deles dentro das ocupações. No filme, os garotos procuram, incessantemente, um local de lazer dentro da ocupação. Eles acabam por ter que criar suas próprias ferramentas para acessar brincadeiras. Mas, ainda assim, a ausência de uma quadra de esportes faz com que os garotos recorram a áreas inapropriadas para tais ações e sofrem impedimentos inclusive por parte dos próprios moradores daquela comunidade.

Consequência da inexistência de políticas públicas e investimentos nessas regiões, o acesso, não só ao lazer mas também a diversos serviços básicos, é inviabilizado para essa população por meios públicos.

A segregação urbana ou ambiental é uma das faces mais importantes da desigualdade social e parte promotora da mesma. À dificuldade de acesso aos serviços e infra-estrutura urbanos (transporte precário, saneamento deficiente, drenagem inexistente, dificuldade de abastecimento, difícil acesso aos serviços de saúde, educação e creches, maior exposição à ocorrência de enchentes e desmoronamentos etc.) somam-se menos oportunidades de emprego (particularmente do emprego formal), menos oportunidades de profissionalização, maior exposição à violência (marginal ou policial), discriminação racial, discriminação contra mulheres e crianças, difícil acesso à justiça oficial, difícil acesso ao lazer. A lista é interminável. (MARICATO, 2003, p. 151)

Tal fato expõe na prática como o processo de urbanização afeta desigualmente a população e, exclusivamente, as camadas mais populares e subalternizadas. No entanto, ainda que tenham direitos básicos negados, não é adequado dizer que essa população não tem acesso à cultura, esporte e lazer. É certo que o acesso a equipamentos públicos, promovidos pelo Estado, é uma dificuldade nesses espaços. Mas, como dito anteriormente, essas comunidades criam as próprias ferramentas para acessar algumas de suas demandas.

Isso não significa que as camadas populares não tenham alternativas de organização no âmbito do lazer, a criatividade das pessoas em inventarem artifícios como jogos organizados e campeonatos demonstram que existem tais iniciativas e muitos indivíduos preocupados e envolvidos com projetos dessa natureza. Contudo, em função do quadro social, tais iniciativas encontram muitas dificuldades, inclusive de continuidade e de organização. (BARROS, 2006)

No filme, a rua, que é pública, se torna a quadra para as crianças, que tomam consciência de tal espaço público e o reivindicam para si. Essas crianças utilizam objetos improvisados para montarem a trave e as marcações da quadra. A partir desse momento, quando ocupam o espaço público da rua para suas atividades, eles entendem que ali é um espaço compartilhado por todos e, portanto, têm o direito, assim como os outros moradores da ocupação, de o utilizarem.

Há uma cena do filme, aos 8 minutos e 1 segundo, em que as crianças estão brincando na rua e uma mulher, carregando uma bacia com roupas lavadas, interrompe o jogo e os adverte por estarem brincando naquele local. Ela diz a eles que ali não era lugar para aquela atividade. Nesse momento, um dos garotos verbaliza que a rua é pública e não se intimida mais com a advertência; as crianças continuam a brincadeira, entusiasmadas.

Além de evidenciar tal consciência de uso do espaço público, a atitude do garoto expressa como os jovens cidadãos já se organizam dentro do movimento, visto que naquele contexto há presença do MLB, e por meio dele recebem formação crítica.

Pensar em como a criança se desenvolve é pensar a influência da cultura sobre a dinâmica deste desenvolvimento, situando-o em um cotidiano de vida de uma comunidade específica, e mais especialmente, em seu espaço público. As brincadeiras das crianças nas ruas são formas de cultura e processos de desenvolvimento que podem ser compreendidos como um movimento social importante para a formação de uma consciência crítica, baseada em relações interpessoais espontâneas e no fortalecimento da comunidade. (GORCHACOV E GUZZO, 2002, p.46)

Figura 3 – Fotograma do filme A rua é pública - aos 8 minutos e 1 segundo.



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A7OyxBN3nm0&t=481s>>. Acesso em: 09 de junho de 2022.

Além da consciência crítica, é interessante pensar como as crianças inseridas nesse contexto já crescem sensibilizadas pelos movimentos e pela militância. No entanto, conforme destacado por Dias e Ferreira (2015), a infância ainda é invisibilizada, mesmo que presente em todas as camadas da sociedade.

[...] é fundamental avaliar a relevância e as possibilidades da participação infantil na vida social e na configuração de espaços públicos. Por essa participação passa não apenas a visibilidade das crianças como destinatárias das políticas públicas, mas também sua ascensão como sujeitos sociais plenos de direito. Dito de outro modo, incluir a criança como ator participativo no debate sobre a produção dos espaços urbanos significa compreender sua perspectiva, entender a vida na cidade a partir de seu ponto de vista – e não a partir dos adultos “que a representam”. (DIAS E FERREIRA, 2015, apud SARMENTO, FERNANDES e TOMÁS, 2007, p. 130)

Nesse primeiro movimento cartográfico, a atenção foi pousada na infância e nas questões que permearam os sujeitos retratados no filme. Ainda que as crianças estejam nesse local de invisibilidade, elas também ocupam um lugar de protagonismo de suas narrativas e precisam ser consideradas na configuração do espaço público, assim como todos os sujeitos que o ocupam.

3.2.2. Ocupação tem nome de mulher

Mulheres são protagonistas dentro das ocupações urbanas. Os filmes que compõem a mostra Lona revelam transversalmente em suas tramas a presença da força feminina nesse contexto de luta e resistência. Dessa forma, tal tema foi selecionado como o segundo grupo temático, a partir do mapeamento inicial, para ser tratado dentro desta cartografia como uma de suas linhas de força.

Há quem diga que a terra prometida tem o nome de uma mulher. Se chama Izidora, Dandara, Helena Greco, Rosa Leão, Carolina Maria de Jesus, Anita Santos, Marielle Franco, Eliane Silva, Norma Lucia, Tina Martins, Irmã Dorothy, Esperança, Vitória, Maria Bonita, Maria Guerreira e tantas Marias. GALERA, e GONÇALVES, 2020, p. 205.

Em um primeiro plano, se destacou o fato de que dos 18 filmes da Lona, 14 foram realizados em ocupações que receberam nomes de mulheres de luta, ou se referem a mulheres. Eliana Silva, Valdete Guerra, Vitória, Carolina Maria de Jesus, 8 de Março, Izidora, Rosa Leão, Esperança. Além do número expressivo indicar como as mulheres são referências para esses territórios, há estudos que indicam que as mulheres exercem um papel importante dentro dos movimentos de luta por moradia.

Nesse sentido, as autoras Galera e Gonçalves (2020) refletem sobre o protagonismo feminino, revelando que além das mulheres serem maioria dentro dos territórios ocupados, elas ainda ocupam os espaços de liderança e, em muitos casos, tomam frente da organização dos movimentos pelo direito à moradia.

O engajamento das mulheres nos espaços de liderança marca fortemente a realidade das ocupações urbanas e rurais em todo o Brasil. Junto com elas, que se colocam a frente desta organização e da negociação, estão homens trabalhadores que contribuem muito na autoconstrução e agroecologia, jovens que na expressão da periferia lutam pelo reconhecimento e se organizam em redes, crianças que desde muito cedo já aprendem a ir a manifestações, assembleias, mutirões. (GALERA E GONÇALVES, 2020, p.202)

As autoras refletem não apenas como as mulheres são protagonistas, como também abordam a intersecção entre gênero, raça, classe e espaço. “Destaca-se que grande parte das protagonistas que atuam na liderança da organização de base são mulheres negras, mães solo,

moradoras de periferia, profundamente engajadas na luta pelo direito à terra, à moradia e à vida urbana”. (GALERA E GONÇALVES, 2020, p.199)

É importante reafirmar que entre os indivíduos que habitam as ocupações urbanas e assentamentos, se destacam a presença de pessoas negras, pobres, trabalhadores e mulheres. Tal fato evidencia como a urbanização das cidades e as opressões do sistema capitalista afetam diretamente essa parcela desprivilegiada da sociedade.

Na obra “A última noite na ocupação Valdete Guerra”, a narrativa gira em torno de cerca de 200 famílias que ocuparam um prédio público, abandonado no município de Fortaleza - CE. Após 15 dias de ocupação do prédio as famílias foram despejadas. O filme foi gravado na última noite das famílias ocupantes, antes que ocorresse o despejo. De acordo com o filme, durante o despejo, as famílias foram removidas sem violência policial.

A ocupação Valdete Guerra foi formada no dia 23 de fevereiro de 2015. As famílias, organizadas por meio do MLB, ocuparam um terreno de propriedade do Correios abandonado há mais de 10 anos. O nome da ocupação é uma homenagem à militante do MLB do estado do Rio Grande do Norte, falecida após luta contra o câncer. Valdete Guerra era uma referência para outros militantes na luta por moradia.

O jornal A Verdade publicou uma matéria no dia 25 de fevereiro de 2015 sobre a formação da ocupação (A VERDADE, 2015). De acordo com o texto, as famílias assentadas no local ocupavam anteriormente áreas de risco em outros bairros de Fortaleza. A ação de ocupar aquele território era também uma forma de denunciar o alto preço do aluguel e pressionar as autoridades municipais a construir moradias populares para as famílias.

O ponto de partida para iniciar a discussão sobre o filme é que ele apresenta, majoritariamente, mulheres narrando suas lutas e dificuldades no contexto da luta por moradia. Também se destacam a presença de mães, com suas respectivas crianças. Diante dessas observações, o filme citado foi escolhido para representar o grupo temático ‘mulheres’. Importante ressaltar alguns pontos de atenção: presença majoritária de mulheres nas ocupações; machismo e racismo estruturais. Tendo em vista essas questões levantadas a partir do filme, esta pesquisa busca refletir o porque as mulheres frequentemente são protagonistas e somam presença majoritária nos movimentos de luta, bem como essa relação com machismo e racismo estruturais.

As mulheres lidam, via de regra, muito bem com micropoderes. Não detêm *savoir faire* no terreno dos macropoderes, em virtude de, historicamente, terem sido deles alijadas. Mais do que isto, não conhecem sua história e a história de suas lutas, acreditando-se incapazes de se mover no seio da macropolítica (Lerner, 1986).

Entretanto, quando se apercebem de que há uma profunda inter-relação entre a micropolítica e a macropolítica, elas podem penetrar nesta última com grande grau de sucesso. Na verdade, trata-se de processos micro e processos macro, atravessando a malha social. [...] E as mulheres sabem como tecer a malha social, operando em processos macro e em processos micro. Converter a consciência dominada das mulheres (Mathieu, 1985) em detentoras deste conhecimento, certamente, aumentaria seu número na política institucional e em outras instâncias de *decision making*. (SAFFIOTI, 2015, p.85)

Para explorar as reflexões acerca dos pontos de atenção desta cartografia, será necessário resgatar algumas questões no que tange os processos de urbanização das cidades. Como dito anteriormente, o planejamento urbano prioriza o mercado imobiliário e este, por sua vez, é movimentado pelo capital. Logo, o planejamento urbano prioriza o capitalismo. Dito isso, há uma ligação entre o patriarcado e o capitalismo, que afeta diretamente as mulheres pobres e negras.

[...] as construções hegemônicas globais - racistas, classistas e patriarcais - e as desigualdades locais - de raça, de classe e de gênero - são faces diferentes da mesma moeda. Ainda, a luta das mulheres [...] ensina que essa geopolítica da desigualdade é orientada não só por questões econômicas, aspecto recorrentemente visto, mas também de gênero, de raça e de inúmeros outros marcadores invisibilizados. (ISAÍAS, 2017, p. 57)

De acordo com Saffioti (1987, p.16), o patriarcado pode ser entendido como “o sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem”. Nesse sistema a família sofre transformações em seu funcionamento e passa a operar por meio da divisão sexual do trabalho, vinculando o trabalho remunerado e à atribuição de “chefe de família” ao homem e a responsabilidade das tarefas domésticas e cuidados com os filhos designados às mulheres. Com essa divisão, o trabalho das mulheres se torna invisibilizado mesmo sendo essencial, enquanto os homens são valorizados por meio do capital. O que reforça a ideia que o patriarcado e o capitalismo alimentam um ao outro.

Atualmente, essa divisão do trabalho ainda é uma realidade que pode dificultar o acesso das mulheres ao mercado de trabalho. No entanto, as mulheres trabalhadoras têm, cada vez mais, conquistado seu espaço, mas infelizmente ainda sem paridade de remuneração em vista dos homens trabalhadores.

A conquista do mercado de trabalho foi uma importante vitória das mulheres, que puderam batalhar pela sua profissionalização, remuneração e independência financeira, todavia esta conquista ainda apresenta limites. Conforme relatório apresentado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) 7, as mulheres ganham 77% do salário que os homens recebem para executar o mesmo tipo de função. Segundo o documento isso ocorre devido à desvalorização do trabalho feminino e estima-se que a paridade salarial entre mulheres e homens levará aproximadamente mais de setenta anos para ser alcançada. (COSTA; HONÓRIO, 2017, p.3)

Ainda segundo as autoras Costa e Honório, o sistema capitalista segue seu funcionamento alicerçado a essa estrutura que reforça as desigualdades sociais e “legitimando os antagonismos de classe, raça/etnia, sexo/gênero, etc”. (COSTA; HONÓRIO, 2017, p.3)

Além disso, é necessário destacar que a realidade das mulheres negras é ainda mais específica. O Brasil é um território colonizado, marcado pela escravidão durante 300 anos e, embora tenha historicamente recebido seu fim, ainda mantém seus rastros até os dias de hoje.

O patriarcalismo e a escravidão são constitutivos da sociabilidade burguesa, possuindo expressões específicas em lugares como o Brasil e outros territórios colonizados. A consolidação do sistema capitalista no mundo está imbricada com a invasão e a dominação dos territórios latino-americanos e a imposição ao mundo de um modelo de ser humano universal moderno que corresponde, na prática, ao homem, branco, patriarcal, heterossexual, cristão, proprietário. Um modelo que deixa de fora diversas faces e sujeitos, em especial as mulheres. (PETRONE, 2021, p. 14, Edição do Kindle)

Diante dessa relação histórica e interseccionalizada, é possível entender que as mulheres que habitam as ocupações urbanas estão em maior número dentro desses territórios devido às opressões não só de classe, mas também de gênero e raça. Isto porque, com uma série de opressões acumuladas, há maiores dificuldades de garantir emprego e remunerações justas, impactando diretamente no acesso à moradias ‘regulares’. Somado a isso, conforme citado por Gohn, os movimentos de luta por moradia são protagonizados por mulheres visto que o número de mulheres que são chefes de família tem aumentado e a taxa de desemprego também é duas vezes maior entre elas. (GOHN, 2010)

No filme *A última noite na Ocupação Valdete Guerra*, além da presença maciça de mulheres, são elas que exercem o papel da força motriz da ocupação. Elas não só estão lutando por seus direitos, como também movimentam e engajam outros sujeitos a fim de fazerem parte da engrenagem que produz o movimento social. Essas agentes são como potências que impulsionam o sistema de engrenagens e essas, por sua vez, impulsionam outras e assim por diante toda a rede se organiza e se move para o lugar em comum: a luta por moradia.

A força que um indivíduo exerce para que outros também se fortaleçam pode ser considerada uma forma de empoderamento. Nos tempos atuais, tem-se popularizado a utilização do termo “empoderamento feminino”, em muitos casos para se referir a ações no que tange às liberdades individuais das mulheres, denotando um discurso, um tanto quanto, neoliberalista.

No contexto das ocupações, o agenciamento coletivo ganha destaque por meio da organização do movimento. Na primeira sequência do filme, (0 minutos e 6 segundos) é exibido o momento em que uma das mulheres presentes está em posição de fala, enquanto isso outras a escutam com atenção. Em seu discurso, a mulher agita e mobiliza as demais e ainda provoca as autoridades sobre a concessão de um novo local a ser destinado a moradia para as famílias. Ela também diz: “Esse vai ser um dia de luta, (trecho inaudível), vai ser um dia de resistência”. Ao mobilizar coletivamente outras mulheres, as incentivarem a resistir às opressões e inverter as relações de poder ao ocupar o espaço, ela está realizando uma ação de empoderamento.

O termo empoderamento se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até a resistência, protesto e mobilização coletivas, que questionam as bases das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. Portanto, o empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos. (BATLIWALA apud SARDENBERG, 2018)

Figura 4 – Fotograma do filme A última noite na ocupação Valdete Guerra



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=szp7pbPVgG4>>. Acesso em: 09 de junho de 2022.

Outro ponto de atenção que interessa a esta pesquisa é um objeto simbólico presente não só neste filme, como também em todas as ocupações exibidas na mostra Lona: a lona, um

material, em geral, sintético, impermeável e de longa duração. O objeto é disposto em forma de barraca, de maneira a possibilitar moradias provisórias para as famílias que moram nas ocupações.

Esse ponto de atenção não emergiu no mapeamento inicial elaborado para esta cartografia. No entanto, ao mergulhar nas obras audiovisuais esse tópico se tornou necessário e se faz presente de uma perspectiva simbólica. A justificativa para ele ser abordado aqui e não em outro grupo temático parte de dois lugares: por ser uma ocupação em seu estágio inicial, a Valdete Guerra apresentava moradias ainda muito incipientes, é comum que os moradores a princípio utilizem lonas e construam posteriormente casas de alvenaria ou outros materiais. A outra justificativa está ligada à nomenclatura do grupo temático - Mulheres e Resistência. Nesse caso, mais especificamente em relação à resistência.

A lona, esse objeto que deu nome a Mostra Cinemas e Territórios, é um artigo de resistência. Não só pelo material não se desgastar facilmente, ela também representa, de um ponto de vista subjetivo, um símbolo de luta, de demarcação de território. Um símbolo da ocupação.

Figura 5 – Fotograma do filme A última noite na ocupação Valdete Guerra



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=szp7pbPVgG4>>. Acesso em: 09 de junho de 2022.

Figura 6 – Fotograma do filme A última noite na ocupação Valdete Guerra



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=szp7pbPVgG4>>. Acesso em: 09 de junho de 2022.

Figura 7 – Fotograma do filme A última noite na ocupação Valdete Guerra



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=szp7pbPVgG4>>. Acesso em: 09 de junho de 2022.

3.2.3. Construindo memórias

O último ponto de atenção escolhido para ser abordado neste trabalho é a memória. Esse grupo temático foi selecionado por meio de mapeamento inicial considerando que a produção audiovisual, além de partir de um lugar de registro, também possibilita a construção de memórias. Assim, conforme destacado pelo autor Cassio dos Santos Tomaim (2009), o documentário - gênero abordado nos filmes da Mostra - é uma ferramenta para explorar e rememorar o passado por meio de rastros e fragmentos.

[...] o documentário pode ser a chave para o acesso às nossas memórias afetivas, mesmo que se trate de rastros, fragmentos ou do relampejar de “ágoras”, parafraseando Walter Benjamin. Perspectiva que adota o documentário como um “lugar de memória”, um refúgio em imagens e sons dos traços ou restos de uma memória viva, da “verdadeira imagem do passado”; portanto, uma atividade de luto que não permite que estes rastros se apaguem, desapareçam, sejam esquecidos. É aqui que está o caráter de resistência do filme documentário ou de todo cinema de não-ficção. Trata-se de uma luta contra o esquecimento e a denegação, de uma representação engajada do mundo, portanto, a relação do espectador com respeito à imagem “está invadida por uma consciência da política e da ética do olhar [...]”. (NICHOLS, 1997 apud TOMAIM, 2009, p. 54 e 55).

A partir da obra *Memórias de Izidora*, documentário de 2016 produzido na ocupação Izidora, a proposta é refletir sobre a construção da memória. A produção audiovisual explora não só a memória, mas também a produção de cinema dentro da ocupação. A narrativa é contada no filme por meio de personagens que falam sobre o cotidiano da Izidora, reunindo aspectos do presente e do passado utilizando fotografias e materiais de arquivo.

No cotidiano de uma ocupação urbana espontânea autoconstruída na Região Metropolitana de Belo Horizonte e conhecida como Izidora, subsiste uma comunidade de cinema formada por uma pluralidade de sujeitos que filmam a vida política e cotidiana daquele território, salvaguardando a sua memória coletiva. Este filme é uma montagem dessa memória audiovisual na perspectiva de quatro personagens cineastas. (VIEIRA, 2016).

Assim como nas outras obras exploradas nesta pesquisa, é interessante entender o contexto do território no qual está localizada a ocupação Izidora. Formada a partir de 2013 na divisa dos municípios de Belo Horizonte e Santa Luzia no Estado de Minas Gerais, a Izidora reúne três grandes ocupações urbanas: Rosa Leão, Esperança, Vitória e, mais recentemente, Helena Greco. Com mais de 5 mil famílias de baixa renda, de acordo com a Prefeitura de

Belo Horizonte, o local ganha destaque por ser considerado um dos maiores conflitos fundiários da América Latina.

Desde a sua fundação, as famílias assentadas sofrem ameaças de despejo e reintegração de posse, já que a região é vítima da especulação imobiliária e já recebeu diversos investimentos e valorizações como a construção da Cidades Administrativa, Linha Verde, entre outros. Sem alternativas de moradia, as famílias ficam reféns da implementação de políticas públicas para o local. Em agosto de 2021, a Prefeitura de Belo Horizonte publicou uma matéria divulgando que está trabalhando para garantir melhorias urbanas no local.

Um ponto interessante para esta pesquisa foi identificado a partir da fala de um dos personagens do filme. Ele diz: “A pessoa só deixa de existir quando os outros se esquecem dela. Então, essa é a verdadeira morte. A pessoa só morre de verdade quando as pessoas se esquecem dela”. Essa fala carrega algumas questões, a primeira me faz voltar aos primeiros segundos do filme (0 minutos e 10 segundos) quando é exibido na tela “Este trabalho é dedicado à memória de João Vitor, Kadu e Manuel Bahia”.

A primeira construção da memória neste filme se dá por meio da lembrança de sujeitos que fazem parte da memória afetiva dos personagens retratados na produção. João Vitor, Kadu e Manuel Bahia foram moradores da ocupação. Esses personagens citados no filme foram assassinados, são vítimas da violência policial e dos conflitos urbanos que permeiam a luta por moradia. Esses sujeitos se tornaram referências para as ocupações, não só tratados no filme, mas também para diversos estudos no que diz respeito à memória.

De acordo com Michael Pollack (1992), as memórias podem ser recolhidas a partir de entrevistas de histórias e vida, por exemplo. Essas memórias podem ser individuais ou coletivas, a depender de quem conta a história. O autor destaca, assim como Maurice Halbwachs, que por mais que a memória possa ser entendida como um fenômeno individual e relativamente íntimo, ela também deve ser entendida “como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”. (POLLACK, 1992, p. 2).

A memória pode ser constituída, de acordo com Pollack, por meio de acontecimentos, personagens e lugares. As memórias dos acontecimentos podem ser presenciadas pelos próprios indivíduos, mas também indiretamente, ou “por tabela” como coloca o autor. Há ainda a possibilidade de herdar memórias em situações traumáticas, marcando regiões ou grupos. Já a memória constituída por personagens se refere a sujeitos considerados

“conhecidos” ou encontrados no decorrer da vida. Por último, há os lugares de memória que estão ligados a lembranças de um determinado espaço.

No filme *Memórias de Izidora*, é possível identificar a constituição dessa memória nessas três instâncias. As ocupações são lugares de memória, marcados pela conquista do território; trazem memórias de acontecimentos traumáticos, como o caso do assassinato de sujeitos daquele local; e ainda a memória desses próprios personagens.

A construção da memória coletiva também é explorada no filme a partir de ações cotidianas dos personagens da ocupação. Sequências dos indivíduos trabalhando com artesanato, agricultura familiar, criação de animais e construção civil são exibidas enquanto esses sujeitos falam sobre as dificuldades e também alegrias de suas atuações. Um ponto muito interessante sobre o trecho exibido em seguida (aos 10 minutos e 19 segundos), é que antes da montagem final do filme, essas cenas são exibidas por meio de sessões para os próprios moradores da ocupação. Esses sujeitos se vêem retratados e se divertem assistindo a si mesmos. Um dos personagens do filme diz:

E o fato de trazer os próprios vídeos que as pessoas produzem internamente, as pessoas vêem lá na tela gigante durante a assembleia. É muito importante porque a pessoa se vê. A pessoa vê o que ela produz, ela vê que ela também pode fazer isso, que não é só Hollywood que pode fazer filmes. Qualquer um pode fazer e acabou aquela concepção que cinema era só uma câmera gigante, agora cinema é o que a gente faz, é esse vídeo diário de cada um, é cada um contando a sua própria história. (VIEIRA, 2016)

Figura 8 – Fotograma do filme *Memória de Izidora*



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou mapear alguns pontos de atenção que interessavam subjetivamente a esta cartografia, a partir dos três filmes selecionados por meio do mapeamento inicial: A rua é pública, A última noite na ocupação Valdete Guerra e Memórias de Izidora. Os pontos de atenção emergiram das subjetividades que se destacaram ao mergulhar nos territórios audiovisuais da mostra Lona - Cinemas e Territórios, tendo em vista os grupos temáticos inferidos inicialmente, mas também a partir do entrelaçamento com as conceituações teóricas exploradas no primeiro capítulo desta pesquisa.

A partir de um percurso metodológico, utilizado para mapear todo o processo de pesquisa, foram manipuladas e combinadas quatro metodologias que, em alguns casos, foram acontecendo simultaneamente: a revisão de literatura, utilizada para a construção do capítulo 2. Essa etapa compreendeu a apresentação do referencial teórico que forneceu embasamento para trazer as discussões presentes nos filmes.

Outro recurso metodológico utilizado foi a entrevista com pauta definida, realizada com um dos coordenadores da Lona. Essa entrevista foi utilizada na construção do subcapítulo, em que é abordada mais detalhadamente a Lona. Essa etapa foi interessante para entender nuances que não estão ditas nos filmes.

Também foram utilizadas técnicas da análise de conteúdo, à luz da Bardin, para construir um mapeamento inicial, resultado do Quadro I a partir de coleta de dados. Esse trecho do percurso metodológico foi necessário para fazer emergir os grupos temáticos abordados na cartografia.

Vale ressaltar, ainda, a análise de aspectos das produções audiovisuais das obras escolhidas. Embora esse tipo de análise tenha sido pouco utilizada nesta pesquisa, é importante mencioná-la visto que foi necessário usar esse recurso quando a atenção foi pousada em algum aspecto que estava relacionado a isso.

Por fim, a cartografia como o ponto central do percurso metodológico, visto que esse foi o movimento realizado para mapear os processos e buscar as conexões com os filmes.

Compreender os processos de urbanização e a formação de regiões vitimizadas pela especulação imobiliária e ação opressiva do sistema capitalista se fez relevante para compreender parte dos acontecimentos e narrativas que configuram as ocupações urbanas

brasileiras. Compreender as ações e formas de organização em rede dos movimentos sociais contemporâneos mostrou como eles se fortalecem, se apoiam, criam redes solidárias, além de potencializarem suas lutas ao utilizarem ferramentas de comunicação autônomas a fim de engajar e empoderar sujeitos ora silenciados pela mídia hegemônica. Compreender as expressões audiovisuais e suas possíveis utilizações para comunicar narrativas, subjetividades e interesses revelou a aproximação das obras com o cinema de ocupação (SEVERIEN, 2018).

Por fim, todos esses elementos conectados me proporcionaram embasamento e bagagem teórica para que meu mergulho não acontecesse em um plano escuro. Dessa forma, foi possível identificar e trazer à tona pontos de atenção, coloridos por nuances refletidas por luzes e sombras. A cartografia se deu na medida em que fui mapeando o território. Já que cartografar é acompanhar processos (BARROS E KASTRUP, 2009), foi necessária uma habitação do território, que neste caso é a mostra de cinema. No entanto, a construção desta cartografia não deu conta de explorar todo o território e seus detalhes. Ainda seria preciso um mergulho ainda maior a fim de contemplar todas as possibilidades ali existentes.

Como a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas, me coloquei em movimento junto às produções audiovisuais, em um movimento de descoberta, tanto do campo de pesquisa, quanto de mim. Deixei-me afetar pelos insights em um processo de exploração de subjetividades para que fosse possível imergir no percurso cartográfico e desenhar a rede de forças que os filmes da Lona estão conectados.

Esta cartografia me possibilitou identificar que a diversidade de linguagens, vivências, identidades, afetos e tensionamentos reunidos no mesmo espaço, que é a Mostra, é uma maneira de simbolizar a multiplicidade da luta por moradia e das ocupações urbanas. Na mesma medida que exploram as ocupações a partir da infância, com filmes mais lúdicos mostrando crianças brincando no chão de terra, há também os filmes que carregam maiores tensões, potencializando as ações de denúncias, reverberando temas como a violência policial contra as ocupações.

Essas formas de produção audiovisual com inclinações políticas, engajadas e militantes são consideradas nesta pesquisa, assim como na perspectiva dos realizadores dos filmes da Mostra Lona, enquanto cinema, de fato. Embora exista no imaginário popular a ideia de que esta forma de produção carregue apenas o caráter de transformação e intervenção social e não como cinema, é interessante pensar que ele também possa ocupar esse território.

Os sujeitos ocupam espaços o tempo todo e essa ocupação acontece de maneiras randômicas. Mas a ocupação sempre acontece em decorrência de necessidades. Por vezes necessidade de sobrevivência e por vezes necessidade de resistência. Os sujeitos e as narrativas que se desdobram nos filmes revelam essa dicotomia de necessidades. Eles ocupam os territórios para terem acesso à moradia, para sobreviverem. Mas também ocupam as narrativas das produções audiovisuais em um lugar de resistência.

Dessa forma, o corpo é uma potência para ocupar o espaço físico e urbano e, para além disso, o cinema proposto pela Lona é uma potência para ocupar o espaço cultural e midiático.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T. D. R.; PAIVA, C. C. . **Midiativismo, redes e espaço público autônomo: as novas mídias na redefinição das relações de poder**. In: Emília Barreto; Virgínia Sá Barreto; Claudio Cardoso de Paiva; Sandra Moura; Thiago Soares. (Org.). *Mídia, Tecnologia e Linguagem Jornalística*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2014, v. 1, p. 44-58. Disponível em: Acesso em 25/11/2014.

AMORIM, Valeska. **Coronavírus: moradores de ocupação de BH estão sem água desde quarta-feira**. G1, Belo Horizonte, 2020

Disponível em:

<<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/04/09/coronavirus-moradores-de-ocupacao-de-bh-estao-sem-agua-deste-quarta-feira.ghtml>

>. Acesso em: 13/05/2022.

ANDRIETTA, Gabriela. **Como o cinema está sendo afetado pela pandemia: a concorrência com o streaming e o surgimento de novas tecnologias**. Enecult, Ufba, 2021.

<<http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132275.pdf>>. Acesso em: 27/11/2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP, Edições 70, 2016.

BARROS, Iolanda; MATTEDI, Maria Raquel. **O Lazer na Periferia**. *Revistas Universidade de Salvador – UNIFACS: Seminário Estudantil de Produção Acadêmica (SEPA)*, v. 10, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/26887927-O-lazer-na-periferia.html>> . Acesso em: 12/05/2022.

BRAIGHI, Antônio Augusto; CÂMARA, Marco Túlio. **O que é Midiativismo? Uma proposta conceitual**. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). *Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática*. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 25-42.

BONIN, Jiani. **Questões metodológicas na construção de pesquisas sobre apropriações midiáticas**. In: *Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas / org. Cláudia Peixoto de Moura, Maria Immacolata Vassallo de Lopes*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2018.

CAMPANHA DESPEJO ZERO. **Dados Atualizados dos Despejos no Brasil Campanha Nacional Despejo Zero - Atualização até 30 de agosto de 2021**. Disponível em: <<https://uploads.strikinglycdn.com/files/1e4b25e9-714f-404d-a445-10544f06b9e5/s%C3%A4Dntese%20Despejo%20Zero%20outubro%202021.pdf>> Acesso em: 29/11/2021.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo, SP. Paz e Terra, 2002.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro, RJ, Jorge Zahar Editor Ltda. Edição digital: julho de 2013.

FERREIRA, Diego Vales Deslandes; JAYME, Juliana Gonzaga. As interações entre um movimento social e os moradores da ocupação Eliana Silva na região do Barreiro em Belo Horizonte. In: Dossiê: Disputas Político-Conceituais Sobre a Governança das Metrôpoles, Cadernos Metrôpole, vol. 21 n°. 45, São Paulo Mai/Ago. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cm/a/LG4z6Fyhq5GN4Mp35hjK8Gz/?lang=pt>> Acesso em: 13/05/2022.

FOLETTTO, Leonardo Feltrin. **Midiativismo, mídia alternativa, radical, livre, tática: um inventário de conceitos semelhantes**. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 95-110.

FRANÇA, Vera Veiga. **O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional**. In: Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas / org. Cláudia Peixoto de Moura, Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2016.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Déficit habitacional no Brasil - 2016-2019**. Belo Horizonte: FJP, 2021. Disponível em: <http://novosite.fjp.mg.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/21.05_Relatorio-Deficit-Habitacional-no-Brasil-2016-2019-v2.0.pdf> Acesso em: 27/11/2021.

GALERA, Izabella e GONÇALVES, Raquel Garcia. **Izidora em 3 atos: o conflito fundiário, a luta popular, o imaginário simbólico da terra prometida**. In: Revista Indisciplinar. Escola de Arquitetura e Urbanismo - Universidade Federal de Minas Gerais, 2020, Belo Horizonte - MG.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2013. Edição Digital.

_____. Teoria dos Movimentos Sociais Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. Edições Loyola, São Paulo, 1997. Disponível em: <http://novosite.fjp.mg.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/21.05_Relatorio-Deficit-Habitacional-no-Brasil-2016-2019-v2.0.pdf>

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes - Do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo, SP, Martins Editora Livraria Ltda, 2014.

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. (Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, ISSN 1516-3296 ; n. 43) Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101760.pdf>> Acesso em: 27/11/2021.

_____. Aglomerados Subnormais 2019: Classificação Preliminar e informações de saúde para o enfrentamento à COVID-19. Nota Técnica 01/2020. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101717_notas_tecnicas.pdf> Acesso em: 27/11/2021.

_____. Aglomerados Subnormais.

Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html>> Acesso em: 27/11/2021.

ISAÍAS, Thaís Lopes Santana. **Mulheres em Luta: Feminismos e Direito nas Ocupações da Izidora**. Universidade Federal De Minas Gerais - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito. Belo Horizonte - MG, 2017.

KERR, Roberto Borges. **Mercado financeiro e de capitais**. São Paulo. 2011.

LEÓN, Lucas Pordeus. Censo Demográfico não será realizado em 2021. Agência Pública. 2021. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/economia/audio/2021-04/censo-demografico-nao-sera-realizado-em-2021>> Acesso em: 27/11/2021.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. MOURA, Cláudia Peixoto (Orgs.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2016.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência**. São Paulo, SP, Editora Hucitec, 1996.

MAZETTI, Henrique. **Da mídia alternativa ao midiativismo: observações históricas e conceituais sobre as práticas de contestação midiática**. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). *Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática*. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 78-94.

NERI, Marcelo C. **Desigualdade e impactos trabalhistas na pandemia**. Sumário executivo. Fundação Getulio Vargas - FGV, Rio de Janeiro, 2021. Estudo disponível em: <https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/Desigualdade_de_Impactos_Trabalhistas_na_Pandemia_Marcelo-Neri_FGV-Social.pdf>. Acesso em: 27/11/2021.

PASSOS, E. KASTRUP, V. ESCOSSIA, L. **Pistas do método cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, Sulina, 2010.

PETRONE, Talíria. **A Urgência do Feminismo para os 99%**. In: *Introdução ao pensamento feminista negro [recurso eletrônico]: por um feminismo para os 99%*. Aleksandra Kollontai [et al.]. 1ª ed. São Paulo, Boitempo, 2021. Edição do Kindle.

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. **A cartografia como método para as Ciências Humanas e Sociais**. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul (RS), n. 38, p. 45-59, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n38/n38a04.pdf>>.

ROSÁRIO, Nisia Martins. **Cartografia na comunicação: questões de método e desafios metodológicos.** In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo. MOURA, Cláudia Peixoto (Orgs.). Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2016. P. 175 - 194.

SALLES, João Moreira. **A dificuldade do documentário.** In: Martins, José Souza; Eckert, Cornelia; Caiuby Novaes, Sylvia (orgs.). O imaginário e o poético nas ciências sociais. Bauru: Edusc, 2005.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista.** I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres - Projeto TEMPO’, NEIM/UFBA, Salvador, BA, Junho de 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>

SANTOS, Fernanda Marsaro dos. **Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin.** Resenha de: [BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.] Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v.6, no. 1, p.383-387, mai. 2012. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291/156>.

SANTOS, Ana. P. Fliegner. D.; FONSECA, Ligia. M.; JUNIOR, Affonso.R.da.Cruz. F.; AL., Et. **Movimentos sociais e mobilização social.** Grupo A, 2018. 9788595025547. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595025547/>. Acesso em: 16/11/2021.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira.** São Paulo, SP, Editora Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** São Paulo, SP, Editora da Universidade de São Paulo, 7ª Edição, 2007.

SEVERIEN, Pedro Loureiro. **Cinema de Ocupação: uma cartografia da produção audiovisual engajada na luta pelo direito à cidade no Recife.** Tese (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós Graduação em Comunicação, Recife, 2018.

SOTOMAIOR, Gabriel de Barcelos. **Cinema militante, videoativismo e vídeo popular: A luta no campo do visível e as imagens dialéticas da história.** Tese (Doutorado). UNICAMP, Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SOUZA, Marina C de. **Protagonismo feminino nos movimentos por moradia: condições coloniais e possíveis rupturas.** R: Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo. "XII Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo, São Paulo-Lisboa, 2020". São Paulo: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2020.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização.** 14ª ed. São Paulo, Contexto, 2004.

A VERDADE. Jornal A Verdade. **MLB realiza ocupação em prédio dos Correios, em Fortaleza**. 2015. Disponível em:

<<https://averdade.org.br/2015/02/mlb-realiza-ocupacao-em-predio-dos-correios-em-fortaleza/>

> Acesso em: 02/06/2022.

VIEIRA, Edinho; SILVEIRA, Vilma da; PAULA, João Victor Silveira de; FREITAS, Kadu de; RESENDE, Douglas. **Memórias de Izidora**. Youtube. 2016. 56'01". Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=6EIdMsUUa00>>. Acesso em: 08/06/2022.

ANEXOS

ANEXO 1 - Entrevista com Cristiano Araújo

Natasha: Fale um pouco de você e como atua na Lona.

Cristiano: Sou militante do MLB já há alguns anos aqui de BH. É até difícil falar aqui o que eu sou na Lona, mas um pouco parte da idealização, sou curador, um pouco de produção, um pouco de pesquisa do acervo. Eu estou um pouco nessa parte de pesquisa e produção da mostra acervo e também numa curadoria geral. Algumas outras tarefas várias dentro do movimento, mas talvez uma das principais é a comunicação e também nesse percurso a gente participou de alguma realização de alguns filmes junto ao movimento. Então filmes que são do MLB ou em parceria com o MLB que eu também pude estar junto.

Natasha: O que o MLB busca com a Lona? O que vocês querem dizer por meio dos filmes?

Cristiano: A princípio é reunir uma produção de filmes que já foram realizados sobre as ocupações do MLB ou pelo próprio MLB. É uma tentativa de organizar esse material e de ter um lugar para circulação, difusão e organização de todo esse trabalho que vem sendo desenvolvido há alguns anos, seja pelo movimento, seja por parceiros. Então, acho que é esse o primeiro caráter e o segundo é levar, por meio do cinema, o debate e a linha do movimento. E por meio da mostra difundir um pouco do que é discutido pelo MLB, o que ele propõe para a cidade, a reforma urbana, enfim, levar temas e debates que são caros ao movimento por meio dessa produção de filmes. E aí com o intuito de atingir um público maior através desse trabalho audiovisual.

Natasha: E essa inclusive era uma outra pergunta que eu tinha colocado, que é qual público vocês querem atingir? Porque às vezes eu tenho a impressão que tem um público muito específico que se interessa por esse tipo de conteúdo. Vocês fizeram pensando nessas pessoas ou querendo furar essa bolha e atingir um público maior?

Cristiano: Eu acho que são alguns tipos de público que a gente tenta atingir. Um primeiro, sem ordem de prioridade, é o próprio público que assiste mostras e festivais de cinema. E ele é um pouco maior do que a gente imagina, considerando também as pessoas que não acompanham o trabalho mas estão à procura de um conteúdo diferente para assistir em casa, por exemplo. Então tem esse público, que é um público mais perto do cinema, que chega através do cinema e através de mostras, festivais de cinema. Um outro público que tentamos atingir é a própria militância da esquerda brasileira, colocando de uma maneira mais geral, para além da militância do MLB. Eu acho que tem os militantes do MLB, militantes de movimentos parceiros e militantes em geral. E eu acho que essa foi uma resposta muito grande que a gente teve, quando a gente teve aquela edição da mostra, muito da militância espalhada pelo Brasil, principalmente do MLB, mas não só dele, de pessoas que estão envolvidas nessas lutas, mas que ainda tem pouco acesso a esses filmes mesmo e eu acho que foi um público com muita resposta. E talvez um terceiro público que queremos atingir, sejam os próprios militantes e família sem tetos do MLB, numa tentativa de levar esses filmes de forma mais acessível a todo mundo que compõe ou que de alguma forma está nos territórios onde o MLB atua.

Natasha: A minha próxima pergunta talvez você tenha começado a responder ela na primeira pergunta que eu fiz. No site da Lona tem obras com datas mais antigas, por exemplo de 2013. Quando esses filmes começaram a ser produzidos vocês já pensavam em uma plataforma para colocar eles, uma forma de de exibição, já tinha algum desenho do que seria a Lona hoje, ou isso foi sendo construído ao longo do tempo.

Cristiano: Essa pergunta é boa porque eu posso dar uma ampliada na resposta. Eu acho que a Lona nasce um pouco numa tentativa de articular várias coisas que estavam acontecendo em um lugar e criar esse lugar para hospedar as iniciativas, ações e filmes que já estavam acontecendo, em um lugar onde fosse possível reunir e exibir para um público amplo. Muitos desses filmes que estão na mostra Acervo a gente já vinha exibindo, não só a gente mas outros parceiros também, fazendo e exibindo esses filmes. Então já tem vários eventos e oficinas de cinema nas ocupações, exibições de filmes e nas nossas ocupações a gente sempre tava fazendo exibições, então essa circulação de pensar, ver e fazer filme era já uma prática recorrente do movimento desde 2013, aqui em Belo Horizonte especificamente, então por exemplo alguns desses filmes já foram exibidos nos territórios, em outras mostras e a lona é

essa tentativa de reunir um pouco dessas proposições que já estavam sendo feitas, em um lugar. Então a gente chega pra fazer essa mostra, para lançar a mostra acervo, aí a gente faz uma pesquisa, uma curadoria de quais filmes foram realizados, de quais entrariam para a plataforma. Mas os filmes mais antigos já tinham uma circulação, a gente já conhecia e de alguma forma trabalhava com eles, mas aí esse momento de criar o acervo é o momento de reunir eles, selecionar, pesquisar novos, para estar tudo no mesmo lugar.

Natasha: E qual é o critério de escolha desses filmes?

Cristiano: Da Mostra Acervo, especificamente, tem um critério chave que são filmes sobre lutas do MLB ou ocupações do MLB, então seja filmes realizados pelo movimento ou por parceiros, mas que sejam relacionados a territórios que o MLB ocupa ou luta que o MLB faz. Todos eles (filmes) tem uma relação muito grande com a luta do MLB então esse é o critério principal para estar na Mostra Acervo e aí por isso também a gente cria outras mostras. Tem o Programa Homenagem, o Atravessamentos e os programas especiais que a gente tem chamado, que é pra outras proposições de curadoria. São outros outros temas e outras relações que a gente faz. Mas essa do Acervo especificamente é a partir dessa pesquisa e seleção dos filmes que estão relacionados ao MLB.

Natasha: A Mostra Acervo vai continuar permanente no YouTube?

Cristiano: Eles ficam no site, mas quem hospeda é o YouTube. Então está no YouTube também. A ideia é que a mostra seja contínua. Chamamos de mostra, mas é o acervo aberto e aí a gente vai fazendo outras mostras com outros temas, com outros filmes, de vez em quando ou em certos períodos, e aí esses saem e voltam, mas o acervo é fixo. Tem, se eu não me engano, dois ou três filmes que atualmente estão indisponíveis por questões da própria relação com os realizadores dos filmes, que às vezes vai vender para um canal ou vai passar em um outro lugar e aí não pode estar disponível online. Aí esses saíram, mas algum dia volta.

Natasha: Você falou que tem militantes do MLB que produzem filmes e tem parceiros também. E aí eu já vi em alguns filmes que tem, por exemplo, o registro de que foi feito por alguém assim da ocupação, alguém que mora lá e que fez esse registro e vocês usaram para

compor material de arquivo do filme. Aí eu queria saber, quem são esses sujeitos que fazem os filmes?

Cristiano: Dos filmes que tem lá, eu acho que existe uma diversidade de formas de produção e de quem fez. Tem desde cineastas mesmo, documentaristas que se aproximam de certos territórios que o MLB atua e faz um filme sobre isso. Então, por exemplo, tem dois filmes da Denia que é de Natal, ela é uma diretora e também uma professora de cinema, mas que já fez dois filmes ligados às ocupações do MLB lá no Rio Grande do Norte. Então tem esse tipo e tem um que é mais um pouco do que você tinha falado antes, de apoiadores, quase ativismo social, que está na luta enquanto apoiadores e faz um filme pontual junto ao MLB.

E outra que é uma produção do próprio movimento, seja por militantes ou por uma equipe de comunicação. E nesse caso, os militantes têm filmes de moradores de ocupação e também que não são de moradores de ocupação.

Natasha: Mas de alguma forma o MLB está envolvido em todos eles, seja por exemplo não na realização do filme diretamente, mas ele estava presente na ocupação onde foi feito o filme?

Cristiano: Isso. Em todos os vídeos.

Natasha: E como é a relação entre as pessoas que produzem os filmes com os moradores e as demais pessoas. Como é essa aproximação militante e morador, e como é que se dão essas relações para a produção dos filmes.

Cristiano: Essa é um pouco mais difícil porque são muitos filmes e eles tem contextos muito diferentes de produção. Então tem, por exemplo, uns que eu participei que eu consigo falar, tem outros que eu conheço a história de como foi feito o filme e tem outros que eu não conheço como foi feito, só assisti o filme. Esses modos de fazer o filme e a relação que tem com os moradores de onde está filmando e a relação com o movimento que foi criado naquele momento eu acho que isso parte de muito de cada filme. Está dependendo mais do realizador ou da realizadora do que o contexto de cada produção. Mas geralmente existe um contato entre equipe do filme com os coordenadores das ocupações que no caso são do MLB, para combinar e acordar um pouco como vai ser, quais dias, quem pode participar contando um

pouco da história também. E com essa chegada, com essa aproximação vai entendendo ali o que vai ser filmado. Como a maioria é documentário, eles começam a conversar com as pessoas, aproximando alguns moradores para produção do filme.

Natasha: Sobre os temas, tem alguns filmes que tem uma pegada de denúncia, por exemplo: vejam isso que está acontecendo aqui. Mas tem outros que são talvez mais subjetivos, que talvez se assemelham um pouco com curta-metragem, mesclando até tem um pouco de ficção. Como é que isso é feito? O que esses filmes querem dizer sobre essas pessoas, esses espaços? Isso é uma auto-representação por meio dos filmes?

Cristiano: É eu acho que voltando um pouco nisso dessa diversidade, a Mostra Acervo que é um pouco do que se você falou, tem filmes com com pegadas diferentes ou com temas diferentes e aí eu acho que colocar todos eles juntos na Mostra é uma forma também de mostrar a multiplicidade dessa luta, e dessas ocupações. Então ao mesmo tempo que tem os filmes que mostram as ocupações e as crianças brincando, que é o filme do papagaio verde, enfim, toda aquela série de filmes com crianças nas ocupações aqui em Belo Horizonte, do Anderson Lima que é o diretor, são uns filmes mais lúdicos, um pouco mais infantis, com crianças no chão de terra e por outro lado tem filmes que mostram mais a denúncia, a violência policial contra essa ocupações, filmam as manifestações. Então eu acho que essa multiplicidade de filmes, de temas e de formas de abordar, da própria linguagem do filme mostra um pouco dessa diversidade que é a luta das ocupações no Brasil. Então juntar isso tudo é também apontar para essas várias formas de olhar e de falar, a partir da luta pela moradia parte da luta das ocupações. Eu trabalharia menos na chave de auto representação e mais no sentido de como se registram as ocupações urbanas ou como filma as lutas por moradia.

Eu acho que tem diferentes caminhos e eu acho que é isso um pouco que a Mostra Acervo mostra, esses diferentes caminhos de filmar e falar sobre essa luta.

Natasha: Como são escolhidos os temas que vão ser abordados nos filmes? Por exemplo, se algum fato está acontecendo lá e aí vocês querem registrar ou são pensados previamente?

Cristiano: É importante esclarecer uma coisa que é a Lona, ela trabalha enquanto uma mostra de cinema que junta e exhibe os filmes que já existem. Então quem participa da Lona não

necessariamente é realizador de filme, que faz filmes ou que fez algum dos filmes que está na mostra acervo. É um trabalho de curadoria e difusão desse material. Então os filmes já estão prontos e a gente assiste, seleciona e faz exposições desses filmes. Mas não gravamos ou filmamos. Eu poderia falar a parte da produção de filmes que a gente tem aqui no Estado, mas que isso é um pouco diferente da Lona porque aí é nosso processo de fazer filmes, enquanto a Lona é um processo de exibir, pensar e discutir.

Pode acontecer de ser as mesmas pessoas que estão na curadoria, ser pessoas que participaram da produção também, é até uma minoria na verdade. Porque você já deve ter visto, o crédito das pessoas que fazem parte da Lona mudou um pouquinho, mas basicamente é a mesma coisa até hoje. E aí tem parte delas que também fazem filmes e grande parte não está envolvido na produção desses filmes, e na verdade grande parte nem é do MLB, são apoiadores, amigos e amigas que estão juntos na luta, estão sempre perto, mas não são exatamente militantes. A gente formou um grupo, que era um grupo mais de pessoas ligadas ao cinema mesmo, que apoia a luta, mas que não são necessariamente do MLB.

Criou esse grupo para fazer a Lona. E aí, algumas pessoas coincidem com quem já fez filmes. A Lona é quase como se fosse um GT, um grupo de trabalho, mas que ele se abre para a cidade. Ele não é um trabalho específico do MLB, mas é um trabalho coordenado pelo MLB que se abre para a cidade para participação de outras pessoas.

E aí eu acho que talvez seja legal falar só mais um pouquinho para explicar. Ela nasce como com essa mostra que aconteceu naquele período. Mas a ideia é que seja uma plataforma no sentido plataforma de projeto, não no sentido site. Mas que abrigue várias coisas. Tem três eixos centrais para gente que é a exibição de filmes, a outra de formação e a outra de debate. Então é exibir filmes, seja da mostra acervo ou seja das outras mostras, o segundo é realização de oficinas e cursos que a gente vai ter daqui um tempo. mas já tinha muitas oficinas aqui em Minas Gerais ligadas a cinema, realização de vídeo e a ideia é aproveitar esse acúmulo e reunir sempre que alguém quiser fazer uma oficina, a gente combinar de fazer pela Lona, enfim, a Lona ser agregadora também de proposições ligados ao cinema. E esse terceiro eixo que seria de debates e reflexão, que a gente ainda vai lançar uma publicação impressa e digital com textos que está pensando sobre os filmes, que estão discutindo um pouco desses temas. A ideia é ter podcast também daqui um tempinho e igual teve vários debates também na época da mostra. Então é tem um pouco esses três campos e que ele se interligue e que sejam contínuos, independente de período específicos da mostra, mas sim uma plataforma que exibe filmes, faz formação com oficina nos territórios e online, vai ser

sempre essa estrutura meio híbrida e também que promova reflexão através de textos, discussões, debate.

Natasha: Você falou sobre a plataforma que é mais um espaço de realização do projeto. Você enxerga essa produção audiovisual como forma de ocupar um espaço do audiovisual/cinema?

Cristiano: Acho que sim, em dois sentidos, um de colocar uma mostra, seja presencial ou online, mas uma mostra que levanta a bandeira do MLB, que traga temas do MLB para o debate e um pouco para essa cena do audiovisual. Eu acho que é super importante trazer toda a luta por moradia, a reforma urbana, de trazer isso enquanto uma bandeira para esse espaço do audiovisual. Eu acho que a Lona tenta fazer um pouco isso quando traz filmes e discussões, reunir essa produção de filmes e esses debates para esse lugar do audiovisual de um jeito com qualidade, no sentido que a gente sabe que tem um filme ali um filme aqui um filme lá e a Lona tenta reunir filmes para que as pessoas vejam de forma conjunta que seja uma intensificação desse debates, que não sejam coisas isoladas, proposições isoladas ou pequenos documentários. Mas que a gente possa dar uma referência para as pessoas enquanto for discutir a luta por moradia e reforma urbana e quer assistir alguma coisa, que saiba onde tem. Que a Lona seja um pouco esse lugar de referência. E acho que talvez tenha essa coisa de ocupar enquanto uma disputa de lugares também. Já que ocupar é um direito, nesses contextos das realizações de filmes, é importante colocar essa produção na roda também ao lado de tantas outras. E na internet, essa loucura toda de mil plataformas, duzentos milhões de vídeos no YouTube, mas está lá exibindo e preparando um projeto, uma plataforma que seja para que as pessoas procurem esses filmes, eu acho que é uma forma da gente também ocupar esse espaço, que é um espaço onde as pessoas assistam, leiam e debatam as coisas.

Natasha: E o que você acha que pode significar para os moradores dessas ocupações, ver a sua comunidade representada ou registrada por meio dos filmes.

Cristiano: Isso é muito interessante e vou dar um exemplo que eu tenho achado mais interessante em algumas ocasiões quando parece que já virou quase história. A ocupação tem cinco anos, já onde a MLB ainda atua desde o começo até hoje. E quando a gente passa um filme lá do comecinho por exemplo, exhibe essas imagens do começo para os moradores é muito forte. Ver a história de construção da ocupação daquela comunidade, como foi

relembrar um pouco dessa história, dessas imagens. Então acho que mais do que a auto representação como ponto importante, eu acho que cria um laço histórico e lembra de toda a luta que teve para chegar onde chegou. É super interessante e acho que é o que mais mobiliza as pessoas a assistir esses materiais. Por exemplo, o filme de um menino que foi andar de bike, do papagaio verde, que são filmes realizados na Eliana Silva e Paulo Freire, aqueles meninos hoje estão todos adultos, tem alguns que já são pais e mães. E também aquelas casas, a ocupação que a gente vê hoje tá muito diferente, a galera já tá com o segundo andar construído. Então esses filmes registram um pouco da memória dessas ocupações e das pessoas se verem. Esse lugar das pessoas se verem é sempre interessante e sempre mobiliza muito. De ver seu vizinho, seu colega, ver como as coisas mudaram. E também das atuais, quando esses filmes são feitos e exibidos de uma forma mais rápida, eu acho que tem um caráter ainda mais forte, que é de contribuir na luta. Essas ocupações estão sempre em processos de luta e mobilização e estão reivindicando alguma coisa quando já conseguiu se estabelecer e está atrás de água, está fazendo pressão para conseguir asfaltos e esses filmes vem pra somar também nessa luta de ser mais um instrumento de reivindicação, mas um instrumento que se soma a todas as ações que estão sendo desenvolvidas no território e nas manifestações. Os filmes é mais uma coisa que está na luta que pode carregar o filme e mostrar quem realmente eles são.